



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, CULTURA
E AMAZÔNIA

FABIO RODRIGO DE MORAES XAVIER

**Da estética da identificação comunicacional à dimensão sensível
territorial da feira do Guamá, Belém – PA**

Belém – Pará
2021

Fábio Rodrigo de Moraes Xavier

Da estética da identificação comunicacional à dimensão sensível territorial da feira do Guamá, Belém - PA

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará para a defesa de mestrado.

Programa de Pós-graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia.

Orientadora: Marina Ramos Neves de Castro

Ficha de identificação da obra feita pelo autor

Xavier, Fábio.

Da estética da identificação comunicacional à dimensão sensível territorial da feira do Guamá, Belém – PA / Fábio Xavier / Orientadora, Marina Ramos Neves de Castro, 2021.

112 p.

Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Pará, mestrado em Comunicação, Cultural e Amazônia, Belém, 2021.

Inclui referências.

1. Comunicação 2. Estética 3. Identificação 4. Território 5. Cotidiano 6. Feira

I. Universidade Federal do Pará. II. Mestrado em Comunicação, Cultura e Amazônia
III. Da estética da identificação comunicacional à dimensão sensível territorial da
feira do Guamá, Belém – PA.

FABIO RODRIGO DE MORAES XAVIER

Da estética da identificação comunicacional à dimensão sensível territorial da feira do Guamá, Belém - PA

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará para a defesa de mestrado.

Programa de Pós-graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia.

Orientadora: Marina Ramos Neves de Castro

Resultado:

Dra. Marina Ramos Neves de Castro (Orientadora)

Dr. Fábio Fonseca de Castro (Examinador interno)

Dr. Fabiano de Souza Gontijo (Examinador externo)

Agradecimentos

Deixo meus agradecimentos a minha família por ter me amparado em mais uma jornada de pesquisa, sem eles, tudo seria mais difícil.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia por ter acolhido a pesquisa e ter dado com os seus professores grandes contribuições para que o estudo pudesse ser desenvolvido.

Agradeço a bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sem ela, seria quase impossível a construção deste trabalho.

Quero agradecer a minha orientadora, sempre com boas indicações e que foi importante para a realização desta jornada de pesquisa. Também o grupo de pesquisa (SISA), sempre com boas reflexões. As pessoas da feira que sempre estiverem com disponibilidade para contribuir com o estudo.

Assim, eu deixo meus agradecimentos à todos que de alguma forma participaram para que este trabalho fosse concretizado. Fazer pesquisa é uma construção coletiva e levo comigo as diversas discussões que participei e que de alguma forma contribuíram para este trabalho.

Obrigado a todos!

Resumo

Nesta pesquisa nós temos como percepção a estética da identificação comunicacional à dimensão sensível territorial no cotidiano da feira do Guamá, localizada em Belém no Estado do Pará Amazônia brasileira. Nosso objetivo é entender o funcionamento da movimentação que ocorre entre os frequentadores naquele cotidiano, na maneira que se constitui a comunicação encontrada naquela localidade. Nós utilizamos como nossa metodologia visitas à feira dentro do processo etnográfico, isso proporciona entender a estética como o estar-junto com outro na arte generalizada que ocorre naquele local e a identificação entre as pessoas que ali se encontram e constroem ligações que constituem a sensibilidade da feira que produz o território entre aqueles indivíduos. Nós observamos que a diversidade da feira do Guamá oferece diferentes expressividades e é construída em eventos de ligações que permeia relações existentes entre aquelas pessoas. A nossa reflexão proporciona o entendimento sobre a existência daquela realidade que é impulsionada na vivência presente daquele movimento que a feira do Guamá evidencia.

Palavras-chave: Comunicação; Estética; Identificação; Território; Cotidiano; Feira.

Abstract

The research we have as perception the aesthetics of communicational identification to the sensitive territorial dimension in the daily of the Guamá fair, located in Belém in the State of Pará Brazilian Amazon. The our objective is to understand the functioning of the movement that happens between the regulars in that daily, also the communicative experience of the place. We use as our methodology visits to the fair within the ethnographic process, to us understand aesthetics as being-together with others in the generalized art that place and the identification as interactions between people and connections that constitute the sensitivity of the fair that is conducted in the territory those individuals. We observed that the diversity of the Guamá fair offers different expressions and is built on events of connections that permeate the existing relationships between those people. Our reflection provides an understanding of the existence of that reality that is driven by the present experience of that movement that the fair in Guamá express

Key-words: Communication; Aesthetics; Identification; Territory; Daily; Market.

Lista de ilustração

Imagem	Descrição	Pág.
1	Expressão dos produtos	21
2	Desenho de uma barraca de venda de camarão	23
3	Os frequentadores pelo local	25
4	Tempero para comida	29
5	As frutas e suas expressividades.....	31
6	Desenho em uma barraca de serviço de fogão	33
7	Placa com bandeiras de cartões	37
8	Ver-o-Peso	39
9	CEASA	41
10	Mercado principal da feira do Guamá	45
11	O prédio antigo	46
12	Experiência da feira	46
13	Placa da prefeitura sobre os produtos	48
14	A “pedra” do Ver-o-Peso.....	51
15	Carro de mão para a venda de camarão	52
16	Lixeira e urubus	54
17	A movimentação situacional da feira	55

18	Venda de caldo de cana	60
19	Venda de limão	61
20	Venda de de farinha tapioca	62
21	Venda de carne	66
22	Venda de joias	68
23	Venda disposição das mercadorias	70
24	Venda de farinha.....	72
25	A diversidade da feira.....	74
26	A lotérica	76
27	Gigante da fortuna	76
28	As marcas da localidade	79
29	O carpinteiro	82
30	Barraca de condimentos.....	84
31	Polaridade da feira	87
32	Venda de produtos paara alimentação	88
33	Venda do peixe	89
34	Corredor da feira	91
35	A calçada no entorno da localidade	91

36	Deslocamentos dos frequentadores	92
37	Rua ao lado do mercado principal	97
38	A venda de frango.....	92
39	Em frente ao mercado principal.....	99

SUMÁRIO

1. Introdução	14
2. A percepção da estética na feira	18
2.1 Expressividade comunicacional cotidiana da estética	26
2.2 Dimensão estética da interação.....	26
2.3 Condução comunicativa, cultural amazônica	35
3. A identificação no cotidiano da feira	43
3.1 Processos de ligação	43
3.2 Identificação comunicacional	50
3.3 Percepção do lugar.....	58
4. A dimensão sensível que se desenvolve da feira	65
4.1 Sentimento da vivência.....	65
4.2 Sensibilidade comunicacional	71
4.3 Razão sensível	78
5. O território à produção espacial temporal da feira.....	85
5.1 A formação territorial	85
5.2 O território comunicacional.....	90
5.3 A produção espacial temporal	95
6. Considerações.....	101
7. Referência.....	107

*Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio;
 pilar da ponte do tédio
Que vai de mim para o outro*

Mário de Sá-Carneiro

1. introdução

A pesquisa da estética da identificação comunicacional à dimensão sensível territorial da feira do Guamá, Belém – PA, é evidenciada na observação do cotidiano da localidade:

A feira municipal do Guamá localiza-se no cruzamento entre a Rua Barão de Igarapé-Miri e a Avenida José Bonifácio, no bairro do Guamá, em Belém, capital do Pará. Possui movimentação e influência na economia local, bem como na estruturação social do bairro e dos bairros limítrofes. (F. CASTRO, M. CASTRO & XAVIER, 2017, p. 363).

O local tem diversidade de relacionamentos entre os frequentadores, o que constantemente permeia o processo diário de sua construção. Isso caracteriza o movimento da nossa sociedade, a nossa cultura no contexto da comunicação proporcionada pelo cotidiano amazônico. Na feira existem dois prédios, um chamado de mercado principal (um galpão grande que tem divisões de boxes de concreto) e o outro, um prédio antigo onde se vende farinha e com um anexo de ferro atrás de si, onde se vendem várias mercadorias, como roupas e acessórios diversos. Na feira do Guamá são vendidos vários gêneros de produtos, que vão desde legumes, frutas e peixes até pratos de comida feitos na hora. Também na Rua Barão de Igarapé-Miri com a Avenida José Bonifácio há lojas de eletrodomésticos e serviços gerais, como bares e barbeiros.

O objetivo do nosso estudo é entender como tal estética ocorre no processo interacional da identificação que a feira proporciona entre seus frequentadores, de forma que possamos observar a dimensão sensível que nasce no contato entre aqueles que participam deste cotidiano. Isso caracteriza o território como processo de influência na interação existente no local entre as pessoas. Nessa perspectiva, a estética da identificação comunicacional à dimensão sensível territorial proporciona a comunicação que ocorre naquele movimento cotidiano da feira.

A indagação central da nossa investigação é a maneira como os frequentadores conduzem interações e a comunicação tecidas no espaço e tempo em questão, bem como a movimentação estética da identificação ali presente. Essa ideia permite entender aquela sensibilidade produzida através da estética da identificação e que assim proporciona o território na relação entre as pessoas envolvidas naquele ambiente.

A relevância da nossa pesquisa fica evidente na comunicação no cotidiano, nas práticas de vivências de indivíduos naquele local. Tal ideia nos faz refletir sobre questões que estruturam a condição de sujeito dentro da ligação grupal, além de nos fazer pensar como a movimentação

mundana daquele cotidiano é constituída de aspectos que proporcionam a produção de realidade.

Isto é, essa perspectiva possibilita entender de que modo os tipos de interações e a nossa produção interacional conduz a formação da realidade. Ainda mais, essa perspectiva nos faz observar como nós afetamos os outros e como também somos afetados por eles, constituindo, assim, o nosso cotidiano cheio de vivências e relacionamentos que povoam o nosso entendimento sobre o mundo.

A vida cotidiana pulsa e é resultado das comunicações que possuímos na nossa condição de significado na relação com o outro. Os acontecimentos que nossos corpos adentram para se sensibilizar são produtos das escolhas de interação que temos dentro de nossa temporalidade e espacialidade. Com isso, nós entendemos que as interações e movimentos existentes entre os frequentadores da feira, eles são universais, já que para que um grupo possa existir é preciso comunicação. Para que o indivíduo possa produzir sua realidade, é preciso que o mesmo interaja com as construções do mundo que o cerca, sendo afetado pelo cotidiano que o circunda.

Nisso, percebe-se a estética como estar-junto (MAFFESOLI, 1999) com o outro como movimento que cada pessoa possui para afetar e ser afetada (FAVRET-SAADA, 2005), e é a partir dessa afetação que temos as conduções de sentido existentes entre os frequentadores da feira. Por fim, todo esse envolvimento do sujeito é encontrado dentro de identificações e caracterizado na construção da pessoa no grupo. Como resultado, nós possuímos sensibilidades que estão ligadas às identificações que ocorrem entre os indivíduos, às aproximações ou à ideia do outro que possui como perspectiva a consciência de mundo, a verdade que nasce na ligação entre sujeitos. Assim, há esquemas de influências que nada mais são que territórios, os quais evidenciam os aspectos significativos da realidade tal como é construída.

A observação da estética da identificação comunicacional à dimensão sensível territorial da feira do Guamá, desta forma, constitui-se não apenas para entendimento da localidade, mas para as expressividades que estão na construção presente naquele cotidiano e relações humanas. Estes aspectos são importantes para o entendimento desta sociedade envolvida em processos culturais produzidos na comunicação entre tais indivíduos.

A estética pensada aqui no nosso estudo é aquela do acontecimento dentro da arte “banal”, como a feira no cotidiano, o processo de interação entre os frequentadores. Essa estética é proporcionada pela ligação entre os indivíduos que participam daquela realidade, na união entre aquelas pessoas. Isso evidencia a identificação no movimento que ocorre entre aqueles que ali estão presentes.

A identificação como movimento proporciona aquela localidade na condução mundana, envolvendo os que participam do processo da feira nas afetações que são presentes no local, esse envolvimento representa a estética da identificação. Desta forma, ela não é estática: acompanha as relações entre os indivíduos que participam daquele cotidiano.

Esse processo constrói as vivências que estão na sensibilidade proporcionada por tal movimento, no qual todos participam para conduzir as interações que pertencem à feira do Guamá, como gostos (CASTRO, 2018) que estão na produtividade do cotidiano da localidade e que formam seus diversos relacionamentos.

Assim, o território e a produção espacial e temporal surgem por conta dessa condição que acaba por envolver aqueles indivíduos, a qual proporciona a união que se constrói naquele cotidiano que é a dimensão sensível territorial. Isso se dá como esquemas de influências no espaço e tempo do indivíduo dentro da construção daquele local. A estética da identificação comunicacional à dimensão sensível territorial trata-se de um movimento interacional que os frequentadores fazem em sua afetação cotidiana. Dentro dessa perspectiva, este estudo justifica-se ao adentrar na vivência amazônica e ter entendimento de processos que são essenciais para pensar a comunicação dentro da prática da vida, na condução do cotidiano da nossa sociedade e cultura. Como exemplo, ressaltamos a estética que é expressada em nossa vivência e que proporciona identificações e sensibilidade à condução do território. A feira do Guamá é de interesse de pesquisa para nós, já que a localidade evidencia diversidade de construções sociais e culturais que são produzidas na comunicação entre seus frequentadores, com seu tempo de vivência e espacialidade.

Nesse processo, nós utilizamos como metodologia os autores teóricos gerais e aqueles específicos que já fizeram investigações sobre o mesmo campo. Tais leituras nos permitem observar a movimentação que a localidade possui dentro daquela vivência cotidiana e também experimentar sua ambientação. O procedimento utilizado nesta pesquisa foi a observação em diferentes dias e horários para obtenção de informações úteis e variadas para o nosso estudo. A observação de campo teve como base a etnografia como experimentação da localidade,

atentando-se para como ali a movimentação entre os frequentadores é construída em processo interacional.

a pesquisa de campo não tem momento certo para começar e acabar. Esses momentos são arbitrários por definição e dependem, hoje que abandonamos as grandes travessias para ilhas isoladas e exóticas, da potencialidade de estranhamento, do insólito da experiência, da necessidade de examinar por que alguns eventos, vividos ou observados, nos surpreendem. E é assim que nos tornamos agentes na etnografia, não apenas como investigadores, mas nativos/etnógrafos. (PEIRANO, 2014, p. 379).

A amostra da pesquisa é encontrada em eventos do dia a dia, como no ambiente que possui as cores e o cheiro, o que envolve a condução daquela comunicação no sentido daquele cotidiano. Assim, o referido procedimento serve de reflexão da temática e propõe olhar sobre a localidade:

início por um lugar comum: como todos sabemos, a etnografia é a ideia mãe da antropologia, ou seja, não há antropologia sem pesquisa empírica. A empiria – eventos, acontecimentos, palavras, textos, cheiros, sabores, tudo que nos afeta os sentidos –, é o material que analisamos e que, para nós, não são apenas dados coletados, mas questionamentos, fonte de renovação. (PEIRANO, 2014, p. 380).

Dentro dessa perspectiva, temos dados coletados em diversos suportes, como fotos das pessoas e do ambiente e também entrevistas feitas com gravador dentro de conversações com aqueles frequentadores – tudo para que pudéssemos adentrar aquele cotidiano e entender o que ocorre naquela localidade. Nesse ponto é colocada a reflexão da fenomenologia, hermenêutica à intersubjetividade como entendimento comunicativo no conhecimento do ser na prática da vida (XAVIER, 2019), caracterizando nossa ideia de pesquisa e servindo de base para a observação da experiência na feira.

Os conceitos principais do nosso estudo estão relacionados à estética, à arte generalizada, pautando-se em Michel Maffesoli (1999), na ideia do estar-junto com outro o sentir em comum. Nisso, nós temos a arte cotidiana encontrada no local e na interação entre as pessoas, além de expressividades estéticas que são construídas nas identificações ali existentes.

Na ideia da identificação, trazemos Mauro Maldonato (2005, 2014), que retrata a identidade como algo que não é estático, mas sim resultado da construção social, de acordo com Denys Cuche (1999). Nessa perspectiva, observa-se o movimento de identificação que caracteriza a existência daquele cotidiano no processo de sensibilidade. Afinal, é ela que povoa aquele cotidiano e conduz a identificações expressadas no ambiente, o que proporciona o território interacional, como é entendido por Rogério Hasbaert (2007). Tudo pertencente à

percepção da comunicação que a localidade proporciona aos frequentadores que ali estão.

A delimitação de nossa investigação é encontrar o processo comunicativo, o entendimento da movimentação que produz aquela temporalidade e espacialidade na localidade. Importante observar que a pesquisa não entende a feira como objeto de estudo, mas como um movimento uma construção de conhecimento que ocorre entre os frequentadores e por isso, nós não vamos descrever a feira, mas vamos entender o local dentro da comunicação como ato reflexivo, assim segue o nosso texto, não como um transporte de informação somente, mas como reflexão da condução do que é o local entre aqueles indivíduos. A feira do Guamá é um evento, um acontecimento desenvolvido por conta de diversas pessoas que lá estão e proporcionam aquele ambiente, além da expressão da cultura amazônica a qual aquele povo pertence.

2. A percepção estética da feira

2.1 Expressividade comunicacional cotidiana da estética

Para iniciarmos nosso estudo, é preciso primeiramente que seja observada a expressividade, a percepção da estética como processo mundano do cotidiano da feira. Nesse contexto, nós temos a compreensão da localidade na condição de cotidiano, assim como na presença da espacialidade e temporalidade como “pluriverso”, proporcionando o entendimento da movimentação do local.

A aposta em jogo não é a ideia de uma nova configuração ou delimitação do espaço. É, ao contrário, o plano onde habitam a sensação de pertencer, identificação, trânsitos, explorações. Enfim, o *pluriverso*, que mantém unidos homens e coisas, comunidades e povos, conhecimentos e linguagens; a cifra oculta, o processo irrepresentável, que nos coloca além de qualquer esquema conhecido.(MALDONATO, p. 188, 2014).

Dentro dessa perspectiva, vamos adentrar em reflexões sobre fenomenologia hermenêutica à intersubjetividade como conjunto de fundamentação comunicativa no conhecimento do ser, na prática daquele cotidiano. A principal finalidade de perceber a fenomenologia, hermenêutica em conjunto com a intersubjetividade, é a de trazer à pesquisa a feira não como objeto, mas sim como movimentação, acontecimento dinâmico presente nas vidas daqueles que a constituem.

Assim, nossa perspectiva é de trazer essa visão para entendimento de onde a investigação se situa e de que ponto o estudo é baseado. Nessa ideia, faz-se necessária a observação de que a localidade produz a sua movimentação:

O sentido interno, mediante o qual a mente intui a si mesma ou o seu próprio estado interno, na verdade não proporciona nenhuma intuição da própria alma com um objeto; consiste apenas numa forma determinada unicamente sob a qual é possível a intuição do seu estado interno, de modo a tudo o que pertence à determinações internas ser representadas em relações. (KANT, 1999, p. 63).

Essas representações e relações são conduções do ser em seu mundo: o modo como a pessoa conhece constrói a sua realidade e esta é envolvida pela comunicação. Observa-se que a reflexão da fenomenologia é produzida na interação e institui o conhecimento do ser, proporcionando a produção mundana a partir da prática da vida, o cotidiano na produtividade de sentido.

na perspectiva fenomenológica, hermenêutica como também se institui dentro do fator intersubjetivo. Tem como aspectos fundamentais a comunicação, a interação, o entendimento do processo comunicacional, do conhecimento, do ser. A perspectiva do entendimento é fonte norteadora para a percepção do sujeito em seu desenvolvimento com a prática da vida. (XAVIER, 2019, p. 53).

A relação com a fenomenologia é encontrada no aparecimento do fenômeno que articula o sentido e se movimenta por conta da intersubjetividade, proporcionando o conhecimento do ser na prática cotidiana e na condução da realidade. Então compreende-se o real do ser em sua produção de significado, a percepção do sujeito com relação ao mundo que o circunda, o conhecimento a mão a qual ele se insere. A interação promove o movimento simbólico para a realidade produzida.

A comunicação entre os frequentadores possibilita o entendimento do sujeito em sua condutibilidade na produção daquele cotidiano, o movimento que a feira do Guamá colabora na relação entre pessoas. Isso caracteriza-se como as expressividades que a condição mundana daqueles sujeitos propõe.

o ser humano, corpo-criante, que vive os processos dos fatos, dos acontecimentos de sua existência, que vai se construindo nas diversas vivências, tecidas num mundo de seres, saberes e fazeres. O corpo-criante do ser humano é o fulcro para a percepção e a compreensão de algo que acontece lá fora, no seu meio ambiente, na relação com o outro. (DITTRICH & LEOPARDDI, 2015, p. 100).

Na relação com o outro conduz-se a produtividade do ser em sua movimentação de realidade, o sentido que adentra ao mundo ao qual ele é submetido. Os processos dos fatos como acontecimentos são fruto da condição cotidiana na qual o sujeito é inserido pela interação que ele constrói, na produtividade do tecido de sentido que movimenta a expressão da realidade e a estética.

A localidade da feira é o cotidiano que os frequentadores constroem, na produção da alteridade e relacionamento entre aquelas pessoas. Essa prática é colocada na condução do conhecimento através da produção de um mundo presente que é construído na comunicação cotidiana e expressividades estéticas da localidade:

A dimensão estética da feira do Guamá se estrutura na própria expressividade dos sujeitos do local, a qual é ressaltada nas interações presentes e também na dimensão dos produtos. Percebendo-se a própria arte do mundo da vida, da existência primeira, observada na feira no processo de construção das práticas sociais desenvolvidas na interação cultural humana amazônica existente. (F. CASTRO, M, CASTRO & XAVIER, 2017, p. 364).

Dentro desse contexto, observamos a composição comunicacional com os produtos, o cheiro, as cores e imagens, algo evidenciado na interação entre frequentadores e ligado à estética da feira, tão perceptível na prática da vida em um mundo entre aqueles que estão presentes na localidade. Tal construção social é demonstrada na integração entre as pessoas naquele cotidiano e na cultura como expressão amazônica entre os frequentadores da feira.

O ato comunicativo da estética daquele cotidiano é constituído como conhecimento que a localidade possui, como fonte de fenômenos na condução de sentidos herméticos. Desta forma, relaciona-se também ao desenvolvimento de integração na prática da vida diária de um mundo intersubjetivo daqueles frequentadores.

O mundo da minha vida diária não é de forma alguma meu mundo privado, mas é, desde o início, um mundo intersubjetivo compartilhado com meus semelhantes, vivenciado e interpretado por outros; em suma, é um mundo comum a todos nós. A situação biográfica única em que me encontro dentro do mundo em qualquer momento da minha existência é apenas, numa escala muito pequena. (SCHUTZ, 2012, p. 159).

O entendimento de um mundo intersubjetivo como compartilhamento com o outro fica evidente na movimentação em que o sujeito proporciona subjetivamente na propagação de sentido que é desenvolvido entre aqueles indivíduos na localidade. A feira proporciona a diversidade entre aqueles que ali frequentam, sobretudo no que tange à produção de realidade e propagação entre aqueles indivíduos.

Importante observar que a feira do Guamá possui como contexto a Amazônia, a sua sociedade cultural e diversidade de sentido que é caracterizada na condição do que a localidade constitui. Assim como no envolvimento simbólico que é propagado entre aqueles que estão ali, no movimento do local. Então, há o mundo comum que é o fenômeno, compreendido, interpretado, compartilhado entre as pessoas que participam da feira do Guamá, de forma que “a relação existente entre pessoas na feira evidencia processo de construção de expressividade e colabora para os estilos e formas” (F. CASTRO, M. CASTRO & XAVIER, 2017, p. 370).

Nesse caso, estilos e formas são aquilo que a localidade produz na expressividade comunicacional cotidiana estética e cuja existência serve para a produtividade na localidade. Isso surge como condição entre as pessoas que participam da feira, de modo a produzir a realidade naquela temporalidade espacial, ou seja, “a relação entre o ser, que somos nós, reflexivamente (ontologicamente) e o tempo, que constitui a possibilidade de duração projetada por esse ser” (F. CASTRO, 2017, p. 99). Como podemos visualizar na imagem a seguir, há um modo particular em como os produtos são colocados no ambiente que circunda as pessoas que participam da feira, a maneira de compra e a utilização de caixas de madeira.

Imagem 1. Expressão dos produtos. Belém. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

Essa configuração de como aquela realidade é, na condição das pessoas que aquele processo interacional evidencia, proporciona esses estilos e formas. Esse processo constitui a composição expressiva dos sujeitos, a qual condiciona aquele contato que é evidenciado na localidade e na propagação de como a feira é.

Esse contexto é caracterizado no posicionamento do sentimento subjetivo entre frequentadores na interação da movimentação da feira. Assim como a expressividade comunicacional daquele cotidiano em sua textura, de como o local forma a produtividade daquela realidade.

Pode-se perceber a contribuição de posicionar sentimento subjetivo com lugares objetivos que cada indivíduo ocupa em um mundo comunicacional, cultural e social. Como se a identificação fosse algo que se compõe de textura para a construção do indivíduo em determinada estrutura de formatação de realidade. (XAVIER, 2019, p. 212).

A identificação entre sujeitos colabora para a propagação daquele movimento de como a localidade é desenvolvida, atuando na conformação de fatores comunicativos no que é estabelecido territorialmente entre as pessoas naquele cotidiano.

A relação entre os sujeitos no espaço da feira propõe novas compreensões, interações. Neste sentido, é o limiar que promove novos aspectos para a estruturação da venda. É no processo interativo, na sua dinâmica, que encontramos os elementos que contribuem para processos de aproximações, de incremento de trocas que constroem processos de estruturações na vida social e a expressividade estética. (F. CASTRO, M. CASTRO & XAVIER, 2017, p. 370).

Entende-se dentro dessa ideia a estética. “É, portanto, a partir de uma arte generalizada que se pode compreender a estética como faculdade de sentir em comum” (MAFFESOLI, 1999, p. 28). Assim, tem-se a noção de uma arte generalizada que é encontrada no cotidiano como algo “banal”, mas isso ocorre a partir de eventos, acontecimentos nas relações existentes entre os frequentadores da feira. Essa estética é configurada nas emoções, sentimentos que povoam a interação na produtividade mundana do local.

A relação entre os sujeitos na localidade colabora para a produtividade de como aquele movimento é expressado na condição do sentido na produção comunicativa entre os frequentadores. Importante entender que essa movimentação entre sujeitos proporciona aproximação ou distanciamento, tornando-se o acontecimento que é a localidade.

Na feira isso é caracterizado “na manifestação da maneira das disposições das coisas” (F. CASTRO, M. CASTRO & XAVIER, 2017, p.362), na produtividade do que é o local em sua condição cotidiana, a realidade como é formada nos eventos presentes. Entendemos, nessa perspectiva, a comunicação cotidiana da estética naquele ambiente que serve de fundamentação do que é aquele cotidiano, no processo de formação de identificações que configura aquela movimentação. Como na imagem de um camarão pintado de laranja na

parede, que alicerça a representação do produto e proporciona o ambiente da localidade no procedimento da venda.

Imagem 2. Desenho de uma barraca de venda de camarão. Belém. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

Adentramos, então, com isso, no âmbito da comunicação e a estética a qual proporciona a produtividade do local como configuração da feira. Esse processo é diretamente relacionado à propagação da relação entre frequentadores e é situado em organizações supraindividuais de envolvimento entre pessoas, algo que é evidenciado naquele cotidiano e também caracterizado em sistemas humanos:

Todos esses grandes sistemas e organizações supra-individuais, que habitualmente nos vêm ao espírito quando pensamos em sociedades, nada mais são que cristalizações – sob a forma de quadros permanentes e de formação independentes – de interações diretas entre os indivíduos de forma permanente, a todo o instante e por toda a vida. (SIMMEL, 1983, p. 83).

Importante observar que “assim, é a existência de significados distintos e compartilhados, e de um processo de mediação, que caracteriza a comunicação” (FRANÇA, 2008, p.77), a forma como a produtividade cotidiana se ressignifica e participa de maneira ativa naquele cotidiano. Ou seja, tudo isso engloba a diversidade da expressividade

comunicacional no cotidiano daqueles frequentadores, a forma como aquele movimento é feito na construção daquela realidade.

Neste aspecto, é relevante ressaltar que a comunicação da feira do Guamá, em seu processo estético, é caracterizada como articulação com os frequentadores. Isso na condição em que ocorre a movimentação de troca a qual a feira desenvolve, não apenas na perspectiva econômica, mas a condição interacional nos acontecimentos que se passam entre aquelas pessoas.

Aceitar algo de alguém é aceitar algo cuja conservação pode ser poderosa e mortal, para si ou para o outro. Apreende-se desse debate a existência de uma alienabilidade fundamental que se expressa em toda troca, fazendo com que o sujeito coloque sempre algo de si nas coisas dadas. Essa “forças das coisas”, que impele a entrada do sujeito no jogo da troca, implica a necessária abertura de quem dá ou recebe ao mundo do outro e, conseqüentemente, ao risco presente nesse jogar-se do sujeito no imprevisível (REINHARDT, 2006, p. 140).

Assim, é interessante saber que o processo comunicativo daquele cotidiano é ligado à relação entre aqueles indivíduos e é desenvolvida dentro da condição de reciprocidade (CASTRO, 2018) entre seus participantes na condução daquela realidade. A esse respeito, observa-se a movimentação entre frequentadores e começa ainda na madrugada, terminando no início da tarde, como condição para aquele evento.

A troca é mútua ela ocorre no local como produção daquela realidade, na condição para que o frequentador adentre ao processo interacional. Com isso, registra-se a alienabilidade que é a realidade que envolve o indivíduo, isso aparece como condição para que a feira apareça na unidade comunicativa. As “forças das coisas” é algo dos indivíduos na coisas do mundo (REINHARDT, 2006), ela estariam na estética, que é o acontecimento do que a feira é em sua espacialidade temporal e sensibilidade.

Essa ideia fica evidente na maneira como os participantes são dispostos na localidade, como se vê na imagem a seguir. A foto foi feita ao lado do prédio antigo, em direção ao mercado principal, e através dela conseguimos entender de que modo a movimentação ocorre na localidade e como o cruzamento proporciona um espaço e tempo, na interação existente entre os frequentadores da feira. Um processo interacional que também é alicerçado nos cruzamentos de tal movimento cotidiano.

Imagem 3. Os frequentadores pelo local. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

Entendemos com isso a logística dos frequentadores que permeia a realidade como condução histórica daquele local, o movimento espacial e temporal, o “pluriverso” que a expressividade comunicacional daquele local proporciona. Além disso, também forma possibilidade que adentra ao condicionamento estético que ali aparece. Importante observar, a feira do Guamá funciona todos os dias, mas em alguns dias da semana com horário diferente, como por exemplo no final de semana, quando a localidade abre um pouco mais tarde. Então nós observamos que:

A existência enquanto possibilidade histórica determinada do ser-aí ocasional está jáviciada na medida em que se exige dela estar presente de antemão diante da curiosidade filosófica que vivamente já se lhe está apresentado. Ela nunca é “objetualidade”, mas ser: ela é aí somente enquanto “é” uma vida numa ocasião determinada. (HEIDEGGER, 2012, p. 25).

A existência enquanto possibilidade é a interpretação daquilo que pulsa como movimento comunicacional estético da localidade, e visto o aparecimento da mudança dos dias que é concretizado naquele cotidiano, entende-se o ser-aí como um momento em processo na feira, já que quando o local para de funcionar não se tem mais o ser-aí. Isso atenta para a “objetualidade”, onde a localidade apenas “é” em uma ocasião, como na maioria dos dias pela manhã, a feira do Guamá aparece e constrói a comunicação naquele cotidiano,

enquanto à tarde poucas barracas ficam abertas e assim há mudança na constituição do que é o local.

Dentro desse contexto, é importante observar a fenomenologia, hermenêutica à intersubjetividade na relação do conhecimento do ser (XAVIER, 2019), na prática da vida daquele cotidiano, pois é o que proporciona entendimento sobre a localidade na relação de experiência entre frequentadores e na construção de pesquisa de campo, a qual nos proporciona a etnografia como experiência, um processo (PEIRANO, 2014). Observa-se assim a interação entre aqueles que participam do evento e o acontecimento que segue o movimento simbólico na expressão que é encontrada presente naquele local.

A diversidade da feira proporciona construção mundana do que aquela realidade constitui. Isso caracteriza o movimento contínuo e o aparecimento daquela espacialidade e temporalidade que dita o cotidiano ali existente, bem como a condição de produtividade significativa entre os frequentadores. Isso é desenvolvido no horário de funcionamento mais movimentado (manhã), que funciona como motor nas vivências que produzem o mundo da feira do Guamá. Ainda mais, é perceptível o aparecimento da condução de sentido que envolve a comunicação daquele cotidiano em eventos que ocorrem entre os frequentadores.

Então, nós temos a dimensão estética que é produzida na feira, como expressões e acontecimentos que caracterizam a localidade na prática da vida que ali é apresentada, nas interações entre os frequentadores. Como nós podemos observar na dimensão estética a qual é desenvolvida na movimentação entre pessoas que aparecem naquele processo da feira, a experimentação comunicativa proporciona o envolvimento daquela realidade na produtividade cotidiana da vida que pulsa entre aqueles indivíduos. É o que observaremos a seguir.

2.2 Dimensão estética da interação

A dimensão estética da feira do Guamá é desenvolvida entre as pessoas, nas movimentações entre os frequentadores da localidade. É o que permeia o movimento da feira desde o seu início até a finalização da relação entre aqueles indivíduos. Isso é encontrado também no entorno da localidade, já que existem lojas de roupas, conserto de eletrônicos, venda de móveis, venda de eletrodomésticos, camelôs, etc, um processo que é estabelecido na movimentação dos frequentadores que ali estão presentes.

A dimensão estética da interação é desenvolvida como construção do que a feira do Guamá representa e no que é construído na relação com aquelas pessoas, que muitas vezes moram no bairro e ali proporcionam grau de afinidade e de confiança na interação com o local. Também ocorre na aproximação dos feirantes que participam daquele cotidiano.

Essa movimentação estética ocorre por diferentes dias e horários, no envolvimento de interações que ali permeiam por exemplo, o modo como foi revitalizada a feira há cerca de 5 anos, segundo o feirante, isso reposicionou eles, que até os dias atuais tendo por base conversas em campo, eles reclamam de onde foram colocados, já que isso alterou a dinâmica de relacionamentos e interações de antes, bem como a estética anterior. A mudança interferiu na venda dos produtos e em como os feirantes expõem seus itens, modificando substancialmente suas formas de comercialização (CASTRO, 2018).

A estética é evidenciada na movimentação cotidiana do local, na produtividade daquela realidade dos frequentadores que participam daquele processo. Além disso, é importante notar o envolvimento de diferentes tipos de pessoas, o que promove reunião diversa e difusa com relação a essa dimensão estética interacional – com isso, a feira é constituída de “feiras”. Exemplo disso foi quando ao longo da pesquisa de campo observou-se um morador de rua procurando carne podre em um local onde é jogado resíduos, provavelmente restos do açougue do local. Ao mesmo tempo, pessoas estavam comprando carne de primeira no interior do mercado.

Algo mais aparente dessa diversidade foi quando em frente ao mercado principal um senhor que vendia revistas usadas (algumas rasgadas, talvez recolhidas da rua), montou uma banca com caixas de madeira que os feirantes usam para transportar frutas e legumes e colocou um papelão em cima, começando a vender seu material. Acreditamos que ele vendeu pouco, já que ninguém dava muita bola para aquele senhor, mas de algum modo, ele era participante da movimentação da feira. Então, é importante colocar a expressividade que a feira do Guamá possui em diferentes graus com relação aos frequentadores, pois o local pode ser um lugar de compra ou de venda entre outros mais processos, o que proporciona a essas pessoas a condição da sociedade da qual participam e nutrem a condução cultural dentro da comunicação existente no local.

Compreender a arte no cotidiano, compreender a arte na feira, é tentar apreender a emoção estética peculiar àquele ambiente, assim como a socialidade que lhe é pertinente. É justamente a estética, essa argamassa que religa os componentes do grupo social, que dá sentido à socialidade, seja na feira, ou seja em qualquer espaço onde haja interação. O vitalismo engendra a estética que se gera e reverbera formando e mantendo o corpo social, um todo complexo e ambíguo, como qualquer corpo social da pós modernidade, feito de emoções e sentimentos de todos os gêneros, de elementos subjetivos, e, também, formado por elementos objetivos. (M. CASTRO, 2013, p. 27).

Essa emoção estética é desenvolvida na produtividade das expressões que ocorrem entre os frequentadores, nas relações conduzidas na localidade. Como exemplo, em uma popular barbearia no entorno, frequentada por muitas pessoas ligadas ao processo da feira.

Podemos ver essa questão também nos boxes, na linguagem e nas expressões das pessoas que permeiam a feira em seu ambiente. Esse envolvimento propõe o vitalismo que condiciona a diversidade estética encontrada naquele cotidiano, os sentimentos e emoções que povoam a localidade da feira do Guamá.

O que faz com que a “sociedade”, em qualquer dos sentidos válidos da palavra, seja sociedade, são evidentemente as diversas maneiras de interação que nos referimos. Um aglomerado de homens não constitui sociedade só porque exista em cada um deles em separado um conteúdo vital objetivamente determinado ou que o mova subjetivamente. Somente quando a vida desses conteúdos adquire a forma da influência recíproca, só quando se produza a ação de uns sobre outros – imediatamente ou por intermédio de um terceiro – é que a nova coexistência social [...] se converte numa sociedade. (SIMMEL, 1983, p. 61).

A ligação entre os frequentadores promove a condição de expressividade do que o local possui, como a reciprocidade presente para o envolvimento entre os sujeitos. O que observamos na pesquisa de campo é que o local é construído pela interação e que isso conduz a feira e sua produção como evento cotidiano. Tal processo de relacionamento de contato entre as pessoas na localidade constrói envolvimento, e essa movimentação propõe o modo de ser da feira do Guamá, onde é conduzida a estética como articulação de acontecimentos.

Ou seja, pode-se compreender o lugar – um dado lugar – como uma experiência contígua à experiência de ser. Não um jogo eventual: de um ser que percebe o espaço, mas uma experiência intersubjetiva, com uma dimensão temporal e histórica, por meio da qual uma feira, qualquer feira, evoca a forma-feira ancestral, sabida por todos os povos na sua prática de trocar, dar e receber e, também, formas-feira específicas, existentes em experiências comuns e em epocalidades (F. CASTRO & M. CASTRO, 2017, p. 8).

Dentro desse contexto, pode-se perceber a construção de experiências que envolvem os frequentadores da localidade na produção do ser das pessoas, fruto do processo interacional.

A intersubjetividade caracteriza-se como esquemas de afetação tanto para quem é feirante quanto para compradores, evidenciando a condição temporal histórica, a qual serve de produção para o mundo daquele local. Com isso, aplica-se a ideia de forma-feira ancestral (CASTRO, 2013) como prática evidente na utilização de técnicas repassada por gerações, como é observado no modo como o peixe é tratado pelo peixeiro, muitas vezes com um material de madeira com prego na ponta, ou também na área das ervas, onde a vendedora afirma, baseada em conhecimentos tradicionais, que as folhas de boldo servem para tratar dor de barriga. Isso caracteriza a prática de troca, a qual exerce a articulação da venda, mas também é desenvolvido com a condição da cultura amazônica, muitas vezes repassada de uma avó, um pai, uma sociedade anterior. A ideia é observada em remédios feitos com andiroba e cabacinha para tratar algum baque, ou em temperos como o colorau e pimenta do reino, muitas vezes vendidos em pó e cultivados em quintais. Esses temperos são vendidos muitas vezes em sacos de 300 gramas, ou duas colheres de sopa, dependendo da escolha da quantidade do freguês, e são pendurados na barraca, como podemos visualizar na imagem a seguir.

Imagem 4. Tempero para comida. Belém. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

Esse contexto se caracteriza na experiência comum que fundamentam a articulação da feira, aspectos desenvolvidos na expressão da dimensão estética como acontecimento da interação existente entre as pessoas que participam daquele processo. Por conta dessa herança, os produtos ali vendidos são tratados, posicionados, informados ou até mesmo jogados por

conta de uma qualidade duvidosa, como é percebido nas manchas de uma goiaba que pode ter algum tipo de verme – como se lá existisse uma condição de venda e conhecimento anterior tendo em vista a representatividade que aquilo pode ocasionar no procedimento de compra. Ou seja, há todo um movimento da feira que acaba por exercer um emaranhado de estruturas pertencentes àquele cotidiano.

Se fôssemos desenhar a experiência geográfica da nossa etnografia da feira, poderíamos compor uma pátina: uma superfície indefinida, manchada e superposta, que transmite a sensação de uso – e, por extensão, de antigo, de passado, de gasto. Uma superfície irregular, descontínua, que deixa entrever camadas de experiência, camadas de ter-sido. Os lugares podem ser assim, cheios de termos-estado, repletos de quase-assins. (F. CASTRO & M. CASTRO, 2017, p. 9).

Isso representa camadas de experiências (CASTRO & CASTRO, 2016) que proporcionam a condição comunicativa do local e caracterizam a irregularidade – algo descontínuo a cada dia, com diferentes horários produzindo a realidade. A sensação de uso é evidenciada no envolvimento do que a feira representa: a troca, a afinidade no afeto que os frequentadores ali possuem; para alguns feirantes, a localidade é a sua segunda casa e foi onde conseguiram criar seus filhos. Muitas das vezes os filhos também começam a participar da venda e assim o negócio vai passando para a geração posterior. Percebemos esse ter-sido como agregação de experiências que os feirantes ali expressam, o que fica evidente nas técnicas utilizadas, nos discursos de venda, na condição de relacionamento das pessoas e na vinculação de expressividade que é desenvolvida na feira.

identificam-se dois sentidos vinculados à ideia de *aisthesis*. De um lado, a simples sensibilidade dos cinco sentidos para perceber o mundo, e de outro, um processo um pouco mais longo e complexo. A partir deste processo é possível observar um deslocamento para que se pense a estética como um processo que vai além de uma sensibilidade bruta e indiferenciada, mas sim que parte de uma potência de compreensão e diferenciação dessa experiência no contato do elemento percebido com um *logos*. (MARTINO, 2016, p. 17).

Nota-se que a feira do Guamá possui diversidade de pessoas, o que influencia diretamente no modo como é condicionado o processo da movimentação do local e na articulação que existe entre seus frequentadores. Além disso, é importante notar a temporalidade, evidenciada como condição de interação entre aqueles que ali participam, como a dimensão estética que é convencionada dentro da interação entre os frequentadores.

É relevante observar que na localidade ocorre a sobreposição de sentido, o qual é manifestado na expressão do antigo, do passado. Como exemplo, nos é colocado a utilização da máquina de açai em que é jogado o caroço para obter a polpa, caranguejos vendidos ainda vivos e posicionados em uma vasilha grande de alumínio, representando a tradição no manuseio dos produtos. Isso também é observado na venda de legumes, nas frutas e ervas.

Nota-se dentro dessa perspectiva que o processo estético e a condição de interação promovem a compressão e a diferenciação na produtividade da feira. O *logos* representa o universo que a localidade produz nas diferenciações que ocorrem entre aqueles frequentadores. Além disso, é importante observar que é encontrada a estética comunicativa para a interação e que esta é vinculada a *aisthesis*, essa capacidade de sentir o mundo (MAFFESOLI, 1999; CASTRO, 2013) no processo das sensações existentes no local. Tais aspectos podem ser observados nas frutas, as quais expressam cor, o aroma, como também o sabor que cada uma possui.

Imagem 5. As frutas e suas expressividades. Belém. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

É como se os diferentes produtos e suas cores participassem daquele evento da feira, como se formassem o significado do que é a localidade, mas além disso, essa situação proporciona a organização da produção dessa dimensão estética interacional entre os frequentadores. Ela só existe por conta do movimento de produção e expressividade de

emoções existentes naquele cotidiano, o que só ocorre na condução de acontecimentos daquela realidade.

Como é observado, quando se vai à feira do Guamá no fim de tarde, cerca de 18 horas, há poucas barracas abertas e um outro movimento. Nesse contexto, é percebida a complexidade na condição daquele cotidiano que é diferenciada do horário da manhã, que tem maior quantidade de pessoas. Importante notar nesse contexto a *aisthesis* e o *logos* que são encontrados à tarde. A movimentação vespertina constitui outro processo dentro da dimensão estética interacional do local, não tão difuso quanto de manhã, mas ainda perceptível em suas "ruínas" pela ausência de pessoas e conseqüentemente por conta da menor quantidade de barracas aberta.

Nós apreendemos dessa ideia a dimensão estética interacional, que é um acontecimento que muda constantemente e depende da articulação entre pessoas no cotidiano da feira, variando a depender do momento da localidade. Essa perspectiva é o que colabora para a condução daquela realidade. Nesse aspecto, pensamos no mundo da vida diária da feira do Guamá, o que conduz a um mundo intersubjetivo compartilhado por seus participantes. Assim, é importante observar a condição daquelas pessoas que integram a localidade, na soma dos frequentadores que ali estão.

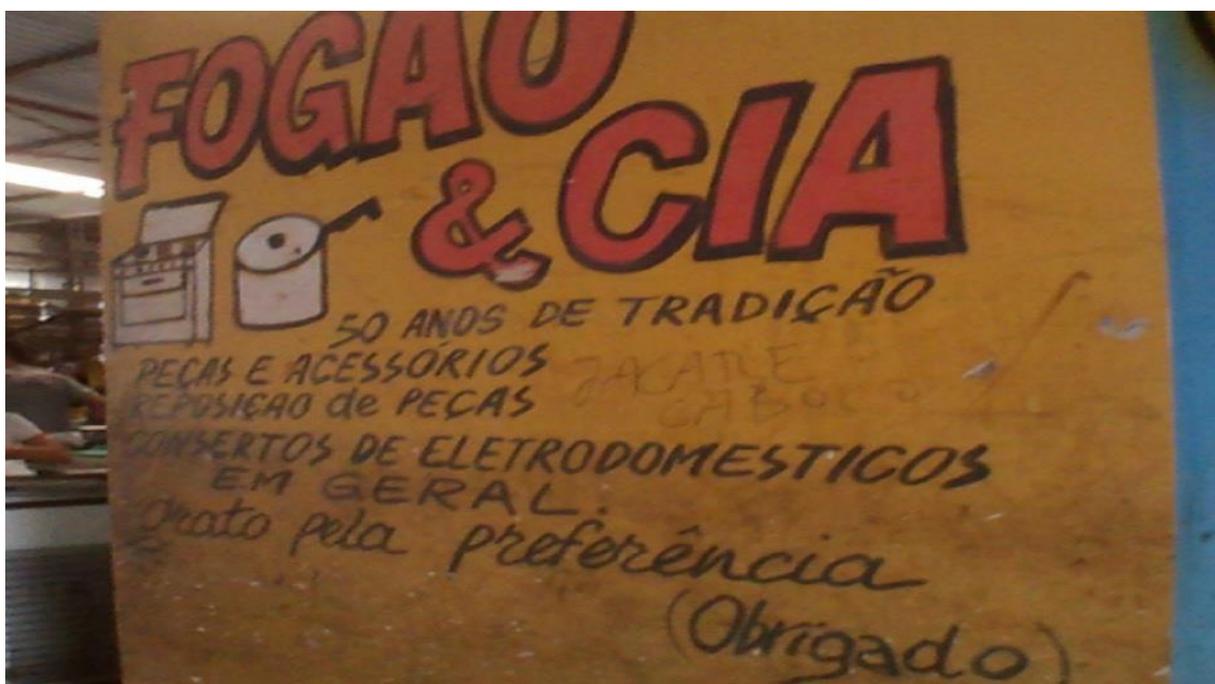
O mundo da minha vida diária não é de forma alguma meu mundo privado, mas é, desde o início, um mundo intersubjetivo compartilhado com meus semelhantes, vivenciado e interpretado por outros; em suma, é um mundo a todos nós. A situação biográfica única em que minha existência é apenas, numa escala muito pequena, feita por mim próprio. (SCHUTZ, 2012, p. 159).

Na dimensão estética interacional é interessante perceber os indivíduos que ali participam e o modo como isso é articulado, pois muitas vezes, como no caso que falamos anteriormente de um homem que estava procurando carne podre, ele proporciona dimensão estética interacional que expressa a miséria, ou a falta de apoio que o fizesse ser alguém que tenha capital naquele cotidiano. A escala pequena focada no indivíduo na feira do Guamá retrata algo que não é específico apenas do senhor, mas retrata pessoas, suas mazelas e ganhos, e tudo isso misturado em construções do que a feira do Guamá condiciona – como exemplo, máquinas de cartão que substituem o dinheiro em algumas transações.

Nós entendemos então a condição da feira que proporciona o envolvimento da diferenciação, essa diversidade que é somada e envolve a localidade observada na condução de sua vida diária, junto ao envolvimento entre aquelas pessoas. Relevante entender que a dimensão estética interacional é o que é adequado ao campo da sensibilização do que a feira do Guamá expressa, com os frequentadores que participam do processo e muitas das vezes o levam como se fosse parte de suas vidas, ou até mesmo, nem sabe o que fazem ali, mas são ativos na produtividade daquele cotidiano.

A soma de interesses que evidencia a movimentação da localidade entre os frequentadores é o que produz a feira do Guamá, nas diferentes conduções de expressões que encadeiam a produtividade do mundo ao qual pertencem. É como se cada detalhe e cada pessoa dentro daquele processo fossem peças importantes nas diferentes produções de indivíduos que estão ali, na linguagem, na música ambiente, todos processos que fazem parte da construção daquele local. A maneira como ocorrem as movimentações entre as pessoas torna a dimensão estética da interação numa conexão de relacionamentos que ali fazem parte da comunicabilidade.

Imagem 6. Desenho em uma barraca de serviço de fogão. Belém. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

É notável essa perspectiva em paredes, como se observa na imagem acima: a pintura para melhor exposição dos produtos, como no caso o conserto de eletrodomésticos e acessórios. Nesse exemplo é possível entender a caracterização do aspecto linguístico na relação das pessoas, como quando sugere que o cheiro-verde está “fresquinho” ou que peixe é filhote, dando ideia de algo nobre, além dos vendedores de banana gritando que a dúzia é um preço e o outro ao lado gritando outro preço, chegando a promover uma situação um tanto estranha. Essas articulações são partes do que é expressado na feira do Guamá, isso é o que permeia construções e diversidade que o local possui, além da dimensão estética da interação que ocorre no local.

Nesse ponto é importante entender sentimento conjunto dentro das estruturas interacionais que aparecem neste local é o que forma a dimensão estética da interação, que se constitui desde o início da feira até a sua finalização dentro de tipos de acontecimentos. Algo que acompanha o movimento da localidade na condução que os frequentadores propõem como aspecto de emotividade, procedendo para a ação comunicativa no cotidiano da feira e as expressões lá propagadas.

Nota-se a condição da feira nesse envolvimento entre os frequentadores como aspecto de experiência entre as pessoas que participam daquele processo. Nesse ponto, nós observamos a ancestralidade pertencente àquele local, como condições históricas que permeiam e impactam o desenvolvimento de seus movimentos. Também são as bases históricas que fundamentam a articulação de processos, como a maneira como as pessoas conduzem a feira naquele cotidiano, que acaba por se tornar um emaranhado de construções. É importante observar que tal procedimento de relacionamento da feira funciona como esquema de experiências que articulam aquele cotidiano.

Nessa perspectiva, é percebida a *aisthesis* como processo de sentir aquela movimentação e o *logos* como o universo que é desenvolvido naquela realidade, a diferenciação. Nota-se que a feira do Guamá é a construção que soma pessoas que participam daquele evento cotidiano, algo que proporciona a diversidade presente na localidade. Assim, aqui entendemos as “feiras” como pertencentes àquele cotidiano.

A dimensão estética da interação, ela proporciona os relacionamentos entre os frequentadores como energia que movimenta os tipos de experiências entre eles. E tudo isso dentro da comunicação, cultural e amazônica pertencente às expressões que as pessoas possuem na feira do Guamá.

Mas não apenas nisso, a feira pertence ao processo macro da dimensão estética em interações que povoam vários momentos, a partir da ordem de diversos acontecimentos entre os frequentadores. Nessa perspectiva, nós observamos fatores que ultrapassam o cotidiano dessa localidade, porém, são importantes para a construção do que a feira propõe em sua construção comunicativa, cultural e amazônica, de forma que constitui o próximo momento da nossa investigação.

2.3 Condução comunicativa, cultural e amazônica

Neste momento é importante entender de que modo a comunicação é evidenciada no cotidiano da feira e como nós o teremos como ponto principal, a maneira como é desenvolvida a condução do cotidiano cultural amazônico na localidade. Nessa perspectiva observamos a comunicação como fenômeno significativo na prática da vida que a feira proporciona.

A comunicação é um fazer, implica trabalho de agente, ação no mundo. Não se trata de ação mecânica, nem é da ordem dos instintos. O uso da linguagem, a configuração da relação com o outro estão fundados em procedimentos, técnicas, operações que aprendemos, modificamos, desenvolvemos. (FRANÇA, 2016, p. 159).

Nessa ideia é entendido o procedimento comunicativo que ocorre na localidade e que é desenvolvido em diferentes vertentes: o modo de falar dos feirantes, as frutas, as placas de venda (CASTRO, 2018). Tudo pertence a comunicação que promove processos relacionais entre os frequentadores do local, ao movimento da feira, em que ela é o mundo que é caracterizado na soma de frequentadores.

Nesse aspecto, nós observamos que a feira em questão possui instabilidade em sua estrutura significativa, como em variados tipos de feirantes e compradores, na qual eles possuem diversas histórias de vida e várias maneiras de ser. Isso nos faz entender as comunicações existentes que permeiam o campo da experimentação, já que as relações são fundadas em procedimentos interacionais entre os frequentadores, como articulações simbólicas significativas que ocorrem na localidade.

a comunicação revela-se de forma mais contundente no evento estético, se é este que tem mais condições de se apresentar diante de nós como um estranho, uma alteridade provocativa, um desafiador pleno capaz de desestabilizar nossas certezas, de injetar

ideias novas em nosso universo de pensamento, de propor outros olhares para o cenário à nossa frente, ou, dito de maneira inversa, se o acontecimento estético é a forma mais perceptível para se ilustrar o fato comunicacional, uma pesquisa no campo da comunicação deve jogar, ao mesmo tempo, com a necessidade de transcender as opiniões e as afecções e percepções. (FILHO, 2019, p. 31).

Nessa condição relacional é entendida a estética como evento que ocorre na feira, a qual proporciona mudanças no decorrer daquela movimentação. Essa condição comunicativa é o que faz a produtividade do espaço e suas dinâmicas como conjunto de forças desenvolvidas na alteridade entre aquelas pessoas. E assim promove relacionamento que é conduzido na produtividade interacional entre seus frequentadores, com esse contato entre eles nada mais sendo que acontecimentos.

Por conta disso, nós entendemos o motivo de Filho (2019) colocar esses acontecimentos como o melhor modo de entender e observar a comunicação, já que essa ideia proporciona a transcendência das expressões que ali ocorrem. A importância dessa perspectiva é que ela serve de base para o entendimento da feira do Guamá não como objeto estático, solidificado, mas como evento.

A comunicação é desenvolvida na relação entre os frequentadores que ali participam, pois é na movimentação entre essas pessoas como estruturas do que a feira é constituída. Esse processo nos faz observar a lógica de construção significativa entre aqueles que desencadeiam tal cotidiano, fazendo com que seja observada a condição de ação social à qual a feira pertence.

que a cidade, mais do que um mero cenário onde transcorre a ação social, é o resultado das práticas, intervenções e modificações impostas pelos mais diferentes atores (poder público, corporações privadas, associações, grupos de pressão, moradores, visitantes, equipamentos, rede viária, mobiliário urbano, eventos, etc.) em sua complexa rede de interações, trocas e conflitos. Esse resultado, sempre em processo, constitui, por sua vez, um repertório de possibilidades que compõem o leque para novos arranjos (MAGNANI, 2009, p. 132).

Nessa ideia é importante observar aspectos geográficos: a feira é localizada no bairro do Guamá, localizado numa região populosa da cidade de Belém. Nesse âmbito, constituem-se como ação social: práticas de circulação de pessoas, muitas das vezes de bairros próximos, impostos para a utilização do local e até mesmo surgimento de associações. Esse processo resulta na produtividade à qual a feira pertence, contando com um conjunto de regras desde a utilização informativos, boxes minimamente metrados, como até mesmo na opção de transações de dinheiro de maneira digital. Os cartões de crédito mais utilizados no local são o

Visa, Elo e MasterCard, como se pode observar na imagem a seguir, em que barracas aceitam inclusive Vale Alimentação para compra de produtos.

Imagem 7. Placa com bandeira de cartões. Belém. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

Esse repertório proporciona o conjunto de possibilidades que o local possui, algo que é construído ao longo do tempo e foi se estruturando na localidade. Importante observar também outras técnicas que facilitam na venda, como a utilização de máquinas, como aquelas para corte de carne ou para pesar um peixe de forma digital. Mas esse cenário não é a realidade de todos – em algumas barracas pode-se ver procedimentos como pegar um terçado enferrujado para tratar um peixe ou uma peça de carne, ou o próprio uso de medidas simples, como um saco para a venda de legumes que já vem com quantidade certa para fazer sopa.

Isso adentra a perspectiva cultural como forma de ver o mundo que é desenvolvido na localidade com relação à diversidade de como os produtos são tratados e suas finalidades. Não apenas nisso, como também nos comportamentos que os frequentadores evidenciam naquela logística, a diversidade entre pessoas e suas heranças ao seu modo de se apresentar. Nesse contexto, é possível entender o resultado de atividades culturais que estão em movimento na localidade da feira do Guamá.

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura.

Graças ao que foi dito acima, podemos entender o fato de que indivíduos de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças linguísticas, o fato de mais imediata observação empírica. (LARAIA, 2001, p. 68).

As inúmeras características são movimentos comunicativos desenvolvidos na interação que produz a localidade, de forma que observamos os modos que as pessoas possuem como cultura e que ali são evidenciados. Nas relações sociais como esquemas de construções, há um processo contínuo construído através da experiência e da interação vivenciada naquele cotidiano.

As relações sociais ao serem vividas imprimem ao olhar e à percepção de cada um de nós, esquemas de valores que norteiam as ações e atitudes de uns sobre os outros. No entanto, entre a percepção e a ação, incorre a mediação do contexto histórico e circunstancial, de forma a estabelecer significados consoantes à vida vivida e ao que se acredita fazer parte dela. Nesse caso, a cultura opera como rede simbólica que toma por base a experiência humana vivenciada (GUSMÃO, 1999, p. 45).

Ficam expressos em sua ambientação aspectos como alguém que coloca um som e começa a tocar brega, carimbó e músicas regionais, ou como na colocação de uma bandeira posicionada na parte de fora do mercado para que quem passe possa notar que ali ocorre algum tipo de venda. Esse contexto também norteia esquemas de valores e ações que afetam quem frequenta a localidade. A condição tem como base o ato comunicativo que o local possui, sempre dentro da composição estética e envolvimento das pessoas que participam daquele processo.

O contexto em que o local se encontra é entendido na maneira como ocorre o abastecimento de produtos, que em sua maioria vêm de regiões da beira e proximidades de Belém, mas também de áreas costeiras mais afastadas, como Colares, Soure, Vigia, cidades que vivem da pesca ou de algum tipo de agricultura. Essa característica evidencia circunstâncias socioeconômicas às quais a feira pertence, como resultados de práticas históricas.

A inserção de Belém no contexto amazônico está associada a séculos de história e a circunstâncias socioeconômicas, territoriais e culturais, que merecem ser brevemente recuperadas como pano de fundo para a discussão de processos e transformações ora em curso na Região Metropolitana de Belém. O papel da natureza na ocupação do território amazônico foi marcante. Os grandes rios desempenharam papel logístico importante, tanto para mobilidade de pessoas quanto de mercadorias. (CARDOSO & VENTURA, 2013, p. 59-60).

Um dos dois importantes pontos de abastecimento da localidade, o Ver-o-Peso, uma outra feira localizada no bairro da Campina, às margens da baía de Guajará, está a 6 quilômetros do bairro do Guamá. Como observamos na imagem a seguir, várias barracas produzem a lógica de cotidiano dessa feira, fazendo a ligação entre o interior do estado do Pará e a capital paraense.

Imagem 8. Ver-o-Peso. Belém. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

Nesse sentido, é interessante entender a ligação da construção histórica com o aspecto cultural da logística pertencente ao cotidiano da feira, como o papel da natureza na ocupação do território amazônico e seu impacto na mobilidade das mercadorias e pessoas que adentram a processos de transformações da realidade a qual a nossa cidade pertence.

Além disso, há toda a influência que a região metropolitana de Belém possui na condição de movimentação de produtos e pessoas, nas estruturas econômicas, políticas e territoriais. Dentro disso existe ligação ao contexto amazônico, de forma que a feira do Guamá

participa da logística dessa produção de processo histórico e circunstâncias do cotidiano da Amazônia. Mesmo não sendo algo objetivo na localidade, exerce condição de influência no que ali é promovido, como por exemplo o Ver-o-Peso, um dos pontos de abastecimento da feira:

O Mercado do Ver-o-Peso está diretamente inserido nas origens e consolidação da cidade de Belém do Grão-Pará, povoação fundada em 1616 às margens do igarapé de nome Piri, que desaguava na Baía do Guajará. Ponto de chegada e saída dos barcos e navios que adentravam o majestoso rio Amazonas ou levavam as “drogas do sertão” para além-mar, o Ver-o-Peso foi criado em 1625 como posto fiscal, por solicitação da Câmara de Belém, passando a chamar-se Lugar de Ver-o-Peso. Dada sua localização na confluência dos rios Amazonas e Guamá e o Atlântico, este importante entreposto comercial transformou-se em espaço significativo para a identidade econômica e cultural da cidade de Belém. (LEITÃO, 2013, p. 2).

Essa ideia representa a ligação entre a localidade e outros pontos da cidade na logística de obtenção de produtos, mas muito além disso, essa construção comunicativa é evidenciada como evento e constrói a produtividade cultural amazônica na movimentação da feira do Guamá e seus frequentadores. Isso é observado em indivíduos que abastecem o local e fazem o trâmite da venda entre o produtor e o feirante, naqueles que fazem ligações de negociação na pedra do Ver-o-Peso, ou, ainda, naqueles muitos feirantes que vão ao Ver-o-Peso para obter produtos de forma direta. Além disso, existem a Central de Abastecimento do Estado do Pará (CEASA-PA), localizadas no bairro do Curió Utinga, na Estrada do Murutucum e distante cerca de 4 quilômetros da feira do Guamá.

A Centrais de Abastecimento do Estado do Pará (CEASA-PA) embora tenha sido fundada em novembro de 1972, foi inaugurada oficialmente em 13 de março de 1975. Em virtude da extinção do SINAC e da COBAL, assim como no caso das demais centrais brasileiras de abastecimento, a CEASA-PA teve seu controle acionário repassado ao Estado do Pará, no ano de 1989, por meio do Decreto-Lei nº 2.400 de 21/12/1987 e Decreto nº 2.247 de 08/04/1988. [...] “A missão da CEASA-PA é “promover a atividade de abastecimento e comercialização de produtos hortifrutigranjeiros e outros gêneros alimentícios à sociedade paraense com qualidade, eficiência e preços baixos” (DITEC/CEASA-PA, 2008). Suas metas econômicas, sociais, sanitárias e ambientais, foram estabelecidas com vistas a garantir a segurança alimentar; processos adequados e eficientes de abastecimento e distribuição que permitam um equilíbrio oferta-demanda de alimentos; preços justos, principalmente para a população urbana de baixa renda. (CARVALHO & PINHEIRO, 2010, p. 3).

Como se observa na imagem a seguir, nós podemos visualizar a (CEASA-PA). Muitos carros ficam em frente a localidade para transportar algum produto dentro de caixas de madeira em são levadas, muitas vezes em kombi, na parte de trás como vemos no carro branco ali na frente estacionado e a mercadoria também é transportada em carro particular ou com utilização de aplicativo. O funcionamento da localidade ocorre durante a madrugada e vai até por volta das 6 da manhã.

Imagem 9. (CEASA-PA). Belém. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

A (CEASA-PA) possui como função proporcionar abastecimento de alimentação de baixo custo para a cidade de Belém, vendendo produtos de diversos gêneros a preços que proporcionem melhor condição de compra ao feirante. Assim, o local é polo de mercadoria de variados feirantes não apenas da feira do Guamá, mas de outros pontos da cidade, e assim como o Ver-o-Peso, a (CEASA-PA) possui importância na capital paraense com relação ao abastecimento da cidade.

Então, a diferença entre o Ver-o-Peso e a (CEASA-PA) é que o primeiro entreposto comercial possui grande ligação com o pequeno produtor, o qual muitas vezes vem de madrugada, de carona em barco para chegar ao destino. Essas pessoas vêm das regiões do entorno da capital para fazer a venda de seus produtos (como mandioca, batata, açaí, tomate) e nesse contexto barcos de pesca atracam na pedra do Ver-o-Peso para fazer suas vendas durante a madrugada. Já o segundo entreposto possui ligação maior com a estrada, e muitos caminhões na madrugada chegam à localidade para deixar produtos diversos, como banana, mamão e acerola. Alguns desses produtos são do Estado do Pará, mas outros são de fora. Importante colocar que em ambos os locais existe ligação com pequeno produtor e com as rodovias, cada qual com intensidade e interação diferenciada.

Assim, é necessário entender a condução comunicativa, cultural e amazônica desses locais, que é construída com relação aos frequentadores da feira do Guamá. Mais além, apresentaremos como isso proporciona à feira o papel de fonte de expressividade comunicativa de vários gêneros. A condução comunicacional por si só é estabelecida nas experiências desenvolvidas, nas articulações simbólicas existentes na localidade. Os acontecimentos e expressões que a feira do Guamá proporciona exercem fator de ligação com outras possibilidades daquele cotidiano.

Isso faz pensar na perspectiva cultural que a localidade possui como forma de ver o mundo, o modo de expressão das pessoas e heranças que permeiam tais atividades de venda. Nesse contexto, sempre se figura como conduções valorativas e maneiras de agir como processo de formação daquela realidade. Essa perspectiva é desenvolvida em modos que vão para além da feira, acabando por influenciar o movimento social e cultural proposto no local. A Amazônia emerge como condicionamento de processo interativo que serve de realidade entre os frequentadores.

Essas pessoas caracterizam o processo de identificação naquele cotidiano que é desenvolvido na ligação entre sujeitos que participam da condução do cotidiano presente na feira. Assim, proporciona-se o modo como a identificação comunicacional é produzida e constitui a percepção de lugar a qual a feira do Guamá pertence. Com isso, entenderemos os processos de identificações que proporcionam a condução do cotidiano que evidencia a movimentação de tal localidade.

3.A identificação no cotidiano da feira

3.1 Processos de ligação

A ligação entre os frequentadores é caracterizada na integração entre as pessoas no acontecimento da feira. Isso proporciona a união entre os que participam daquele processo e a identificação é evidenciada na condução de sentido e sensibilidade como é conduzida naquele cotidiano. Por conta disso, é importante observar a movimentação entre indivíduos como condição das interações dessa realidade.

O processo de ligação é desenvolvido na lógica de sentido que é produzida na movimentação dos sujeitos na localidade, como se aquele acontecimento da feira estivesse no envolvimento de construção mundana daquela vivência entre os frequentadores. Na produção de unidade que o local vai construindo no decorrer de seu movimento cotidiano.

A importância dessas interações está no fato de obrigar os indivíduos, que possuem aqueles instintos, interesses, etc, a formarem uma unidade – precisamente, uma “sociedade”. Tudo que está presente nos indivíduos (que são os dados concretos e imediatos de qualquer realidade histórica) sob a forma de impulso, interesse, propósito, inclinação, estado psíquico, movimento – tudo que está presente neles de maneira a engendrar ou mediar influências sobre outros, ou que receba tais influências, designo como conteúdo, como matéria, por assim dizer, da sociação. Emsi mesmo, essas matérias com as quais a vida é preenchida, as motivações que a impulsionam, não são sociais. Estritamente falando, nem fome, nem amor, nem trabalho, nem religiosidade, nem tecnologia, nem as funções e resultados da inteligência são sociais. São fatores de sociação apenas quando transformam o mero agregado de indivíduos isolados em forma específicas de ser com e para um outro (SIMMEL, 1983, p. 166).

Essa forma específica de ser é produzida no momento em que os frequentadores estruturam ligação na condução entre as pessoas na localidade. E nesse caso, a feira do Guamá é a motivação de que é sociada no decorrer daquela realidade. Assim, nos faz entender, por exemplo, o modo como são organizados os feirantes, onde no mercado principal a maioria das barracas mais externas têm relação próxima com frutas e legumes, enquanto as barracas mais no interior possuem proximidade com carne e peixe. Essa lógica é fruto de interação que ocorre entre os que participam daquela venda. Além disso, observamos nas placas com preço que muitas delas são de papelão e escritas com caneta marca texto, é a representação do direcionamento, sociação, na obtenção de produto.

É visto também na localidade a mediação entre aqueles que participam e assim ocasionam modos de ligação diversos. Como exemplo, em algumas barracas de venda observamos famílias (pai, mãe, filho, filha, tio, tia) trabalhando conjuntamente, e por outro lado, uma pessoa bastante antiga no local fazendo sua venda sozinha. O interessante nesse contexto é que as barracas já possuem freguesia, e o modo de identificação entre os vendedores e fregueses ajuda no processo da venda. Há um laço de confiança que é desenvolvido no decorrer do tempo – em alguns casos são décadas de troca – na ligação entre aqueles que ali fazem o procedimento comercial.

Nessa perspectiva, nós observamos que este mundo social proporciona a condução daquele cotidiano, a localidade e a produtividade de realidade daqueles que ali estão presentes. Além disso, é como se tal cotidiano estivesse dentro de processos de identidades entre os participantes.

O mundo social no qual o homem nasce e tem de achar seu caminho é por ele vivenciado como uma rede fina de relacionamentos sociais, de sistemas de signos e de símbolo com sua estrutura de significados particular, de formas institucionalizadas de organização social, de sistemas de *status* e prestígio, etc. O significado de todos esses elementos do mundo social, em toda a sua diversidade e estratificação, assim como o padrão de sua própria textura, é tido como pressuposto pelas pessoas que nele vivem. (SCHUTZ, 2012, p. 80).

Os elementos do mundo social na localidade proporcionam a produção daquela realidade a partir de processos de ligação do que é desenvolvido na feira do Guamá. Além do mais, o vivenciamento entre as pessoas que participam daquele processo são as imagens e representatividade.

A feira é também imagem. Quem lá está, vê a feira, vê as imagens que lá se reverberam, que lá se formam e ganham vida. Quem lá está, vive a feira através dos sentidos, os quais também compõem imagetivamente a feira.

Imagem construída a todo instante, percebida, sentida e vivida. O enquadramento dessas imagens, na feira, está para além de uma moldura, mas está para um olhar, um olhar que vem de dentro do homem, de cada um que vive a feira. O enquadramento desta imagem está no desenvolvimento da percepção de cada partícipe da feira, de cada produto e receptor de imagens da feira, e que, de maneira relacional, entre aquilo que é visualizado e uma experiência interior, ele formula e vive novas imagens. (CASTRO, 2013, p. 142).

Como já vimos acima, o relacionamento entre sujeitos na lógica de interação produz o condicionamento daquele ambiente, e o sentido ali desenvolvido é conduzido à produtividade do movimento da feira do Guamá. Nessa dinâmica, proporciona pensar a comunicação como processo que vai construindo o envolvimento de integração na identificação entre aquelas pessoas.

Nós observamos essa questão na estrutura do local, um galpão onde é tido o mercado principal, e também no outro, ao lado da rua, onde fica localizado o prédio antigo – alguns falam que essa última localidade foi onde a feira surgiu, e só posteriormente foi feito o galpão para abrigar melhores condições de venda. Logo atrás dessa estrutura antiga há uma construção de ferro, e a maioria do que é vendido ali são roupas, dereços e objetos.

É necessário notar nesse processo o entorno da localidade, que é cheio de lojas de produtos eletrodomésticos, vendas, bebidas, artesanato e de peças de carro; e em tudo isso há envolvimento entre pessoas e transforma-se naquela imagem cotidiana característica daquela localidade. Ainda mais, esse processo de ligação é diferenciado no decorrer do tempo nas logísticas presentes no local, sendo algo difuso e complexo que envolve a condução daquele cotidiano. Aqui, nós podemos observar na imagem 14 o mercado principal, onde lá no fundo pode-se ver algumas lojas de produtos variados, como na imagem 15, onde vemos na esquina o prédio antigo e a movimentação intensa que ocorre por diferentes pessoas no entorno da localidade. Já na imagem 16, é possível mensurar a quantidade de produtos que são vendidos.

Imagem 10. Mercado principal da feira do Guamá. Belém. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

Imagem 11. O prédio antigo. Belém. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

Imagem 12. Experiências da feira. Belém. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

Eu disse que os limites de uma civilidade parecem, parecem... mas, há a civilidade, há a norma, tudo permeado por um estar no mundo que só tem sentido naquela experiência vivenciada e partilhada em conjunto, intermediada por sensações, relações, razões, prazeres, desprazeres inerentes àquele local, a feira. Estejam essas sensações permeadas pelo prazer, pelo desprazer ou simplesmente pela indiferença. A feira evoca um espaço dos mais antigos de reverberação social. Espaço de encontros. De relações, de trocas em todos os gêneros e sentidos. (CASTRO, 2013, p. 13).

Esse estar no mundo é desenvolvido entre os frequentadores que conduzem aquela realidade, formulando o processo de identificação nas diferenciações existentes no local. Esses processos de ligação são partilhados entre as pessoas da feira, construindo uma realidade comum, apesar de suas distinções. Importante notar dentro desse contexto o sentimento de prazer no relacionamento de quem frequenta a localidade, também na ausência de querer se encontrar ali e nas diferenças entre as pessoas que a feira apresenta. Mais uma vez, o local possui diversidade de relacionamentos e condução de sentimentos que proporcionam aquele cotidiano.

Algo do gênero é observado no aroma de um peixe frito vendido ali perto, algo que dava prazer de sentir por ser delicioso, suculento, pois o peixe era colocado em uma espécie de assadeira de vidro. Mas por outro lado, quando ía-se ao lado do mercado principal onde ficava localizado alguns resíduos da feira, em dias em que o carro de lixo demorava a passar, era visto carne, verdura e legumes apodrecidos, já que esses produtos eram jogados ali quando fora do padrão comercial.

Dentro desse aspecto nós também entendemos que muitas das vezes quando se perguntava para feirantes sobre a questão da vivência na feira, em alguns momentos existia desencontro. Esse desencontro se dava em maioria entre aqueles que têm maior proximidade, como um fornecedor de produto ou um feirante da barraca ao lado.

A identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato. Deve-se esta concepção de identidade como manifestação relacional à obra pioneira de Frederik Barth [1969]. Esta concepção permite ultrapassar a alternativa objetivismo/subjetivismo. Para Barth, deve-se tentar entender o fenômeno da identidade através da ordem das relações entre os grupos sociais. Para ele, a identidade é um modo de categorização utilizado pelos grupos para organizar suas trocas. Também, para definir a identidade de um grupo, o importante não é inventariar seus traços culturais distintivos, mas localizar aqueles que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural. Uma cultura particular não produz por si só uma identidade diferenciada: esta identidade resulta unicamente das interações entre os grupos e os procedimentos de diferenciação que eles utilizam em suas relações. (CUCHE, 1999, p.182).

Esses processos de diferenciação permeiam as ligações existentes entre os frequentadores, já que são desenvolvidos no processo da movimentação daquela realidade. Os membros daquele processo da feira são diferentes entre si e constroem ligação para a condução daquele cotidiano, como esquemas identitários de aproximação entre as pessoas que ali se movimentam. Como já expomos, a condução da localidade como condição daquele cotidiano é pertencente a processos de ligação no decorrer da feira e produzidos entre seus frequentadores, o que compõe a produção do lugar dentro do processo significativo.

É preciso que reconheçamos: nos primórdios do pensamento, muito antes de a identidade se formular em princípio, fala ela mesma, e precisamente, através de um dito que dispõe. Pensar e ser têm seu lugar no mesmo, e a partir deste mesmo formam uma unidade. (HEIDEGGER, 2018, p. 11-12).

Essa unidade é desenvolvida na construção da interação entre aquelas pessoas na movimentação cotidiana em que diferentes frequentadores entram em contato, sendo evidenciada na perspectiva de ser da feira, como sistemas de sentidos que povoam tal cotidiano em processos daquele ambiente. Como se observa na placa com os produtos que são vendidos no local, como referência de representatividade da lógica daquele cotidiano, vide imagem 13.

Imagem 13. Placa da prefeitura sobre os produtos. Belém. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

Uma apresentação da auto-identidade deve ser desenvolvida dentro do quadro geral da constituição psicológica do indivíduo. Em escritos anteriores, sugeri que tal quadro deve tomar a forma de um "modelo estratificado". Começamos com a premissa de que ser humano é saber, quase sempre, em termos de uma descrição ou outra, tanto o que se está fazendo como por que se está fazendo. A lógica desse ponto de vista foi bem explorada nas perspectivas da fenomenologia existencial e da filosofia de Wittgenstein. As convenções sociais produzidas e reproduzidas em nossas atividades diárias são reflexivamente monitoradas pelo agente como parte do "seguir em frente" nas diversas situações de nossas vidas. (GIDDENS, 2002, p. 39).

As convenções sociais são construídas na interação como condução daquela realidade, na qual essa repleabilidade é situada no processo de ligação entre as pessoas que promovem identificações na expressividade do local. Esse é o procedimento que forma estruturas de como a localidade é conduzida e na capacidade logística dos processos significativos que ali são produzidos na integração entre os frequentadores. O processo de ligação forma a auto-identidade que permeia as representatividades existentes na feira do Guamá entre as pessoas, promovendo o movimento e a manutenção presente naquele cotidiano. A interação entre os sujeitos é a configuração do ser que é construída naquele sentido que ocorre entre as pessoas naquela realidade.

Nessa perspectiva, nós entendemos a maneira de ligação existente entre frequentadores, a integração com outro na condução daquele evento. O processo de ligação possui como condição a estética e a expressividade que as pessoas ali produzem. A partir desse aspecto é possível entender a comunicação na lógica do sentido que é desenvolvido por conta da movimentação do que a feira possui em seu movimento cotidiano. Estão incluídos nessa categoria os acontecimentos que são produzidos por pessoas que vão se articulando e formando a unidade no local.

A estrutura daquele cotidiano é desenvolvida na localização do feirante, a divisão de mercadorias, informativo sobre os produtos, tudo isso participante do processo de ligação existente na localidade. Nessa perspectiva nós adentramos à mediação entre as pessoas como modo de ligação, como é percebida a forma de venda familiar ou um feirante solitário, que são diferentes, mas proporcionam condição de envolvimento com relação ao local. Tudo isso pertence ao elemento do mundo social que lá aparece na condução de tal realidade, como esquemas de vivências que proporcionam imagens para a produtividade daquele cotidiano. Isto engloba, ainda, as representatividades que são produzidas para a colaboração do que a feira é em sua condição cotidiana.

Assim, nós observamos que a identidade é a construção que elabora relacionamentos que afetam o movimento da feira, ocasionando aproximação, afastamento ou desencontro em relação àqueles que estão presentes. Ou seja, aspectos que permeiam relacionamentos pertencentes àquele cotidiano e proporcionam a experiência entre os frequentadores ali evidenciada.

3.2 Identificação comunicacional

A identificação comunicacional é desenvolvida por relacionamentos que são produzidos entre os frequentadores presentes na localidade, de forma que a diversidade ali existente é de fundamental importância na movimentação do local. O acontecimento da feira proporciona expressividades e permeia a ligação entre as pessoas que lá estão na condição de alteridade (GOLDMAN, 2006). Como ressalta Maldonato:

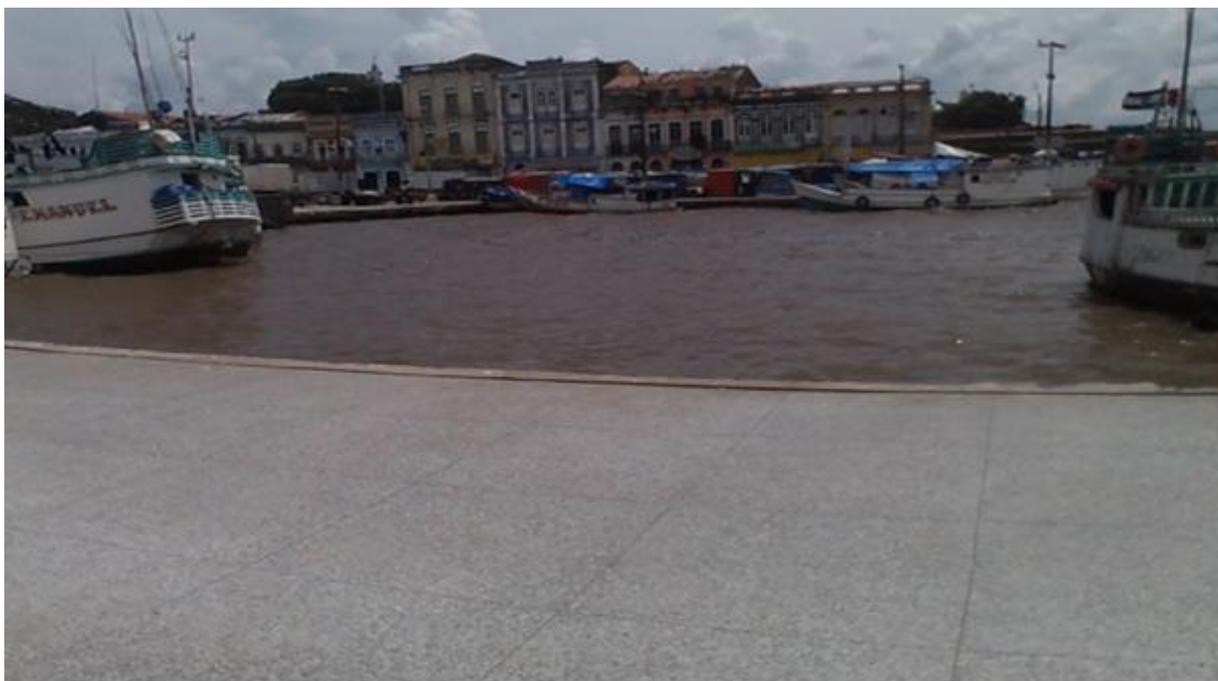
Logo, é só a partir da alteridade do Outro, de sua irreduzível diferença, que chegamos a nós mesmos. Numa tensão ininterrupta, a alteridade acompanha a identidade como uma sombra. É absolutamente impensável um afastamento, uma recusa da identidade, pois se a identidade rechaça, a alteridade torna a aflorar, prepotente e invencível. Mas se a identidade não é uma esfera compacta e imóvel – como a verdade bem redonda de Parmênides – então será necessário buscá-la não na eterna luta pela afirmação de si contra o outro, mas na infinita escuta do outro em si, na incessante proliferação de vozes nunca é redefinição de vultos, identidades plurais em si, porque em si mesmas diferentes: identidades nunca redutíveis em si, por mais singulares e únicas que sejam, pelas quais cada um de nós é constantemente atravessado (MALDONATO, 2005, p. 487).

Tendo isso em mente, nós entendemos que a identidade não é algo estático, mas é encontrada na identificação entre pessoas presentes na feira. Ela proporciona a observação sobre aquele cotidiano como processo daquela realidade. A integração com outro caracteriza identidades plurais e é desenvolvido na comunicação. Não apenas nisso, mas constantemente as pessoas são atravessadas pelo contato de sentimentos – o indivíduo e a sua singularidade naquele movimento, o ser do que aquela realidade proporciona.

O que se chama de identidade é uma preocupação eminentemente política do indivíduo social. Ela constitui uma preocupação ao mesmo tempo estratégica e moral, baseada na necessidade em centrar seu ser, dotando-o de uma coerência reflexiva, subjetiva, útil para intermediar a sensação de estar no mundo constituída em todo imaginário sobre o ser. (CASTRO, 2012, p. 178).

Isso é percebido no modo como as pessoas se visualizam na construção social na localidade. Um exemplo toma início na madrugada, quando os feirantes articulam o processo de aproximação da venda do dia. Um vendedor de legumes chega de carro trazendo várias caixas com seus produtos específicos da (CEASA-PA), aquele que bate açáí vai ao seu fornecedor comprar mais do produto que vem muitas vezes de ilhas próximas à Belém, enquanto um peixeiro vai à “pedra” do Ver-o-Peso obter pescada.

Imagem 14. A “pedra” do Ver-o-Peso. Belém. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

É importante notar que essa movimentação ocorre de diferentes modos na diversidade de vendedores presentes no local da feira do Guamá e vai se produzindo no decorrer das horas na movimentação da localidade. As interações possuem intensidade na articulação entre frequentadores e constituem-se como envolvimento na diversidade e tipos de identificação comunicativa que surgem naquele cotidiano.

Esta perspectiva narratológica da identidade – que se desenvolve no tempo de vida de cada um – está em contraste com a ideia de uma identidade substancializada. Vivendo e agindo, cada um de nós testemunha a própria vicissitude deixando para trás uma história de vida na qual a identidade não é um a priori transcendental, mas indica o tempo que deixamos para trás: alguma coisa que não pode ser planejada, pré-determinada e que só se expressa na narração (MALDONATO, 2005, p. 490).

Essa expressividade de narração é que propõe de forma significativa a ligação entre as pessoas que participam deste processo, enquanto é a realidade que liga aqueles que ali estão fazendo a venda e condiciona a movimentação de compra. Os diferentes sujeitos que frequentam o local precisam adentrar ao tempo de vida daquele cotidiano que é somado à maneira de como a feira é constituída. Não apenas isso, a localidade é ligada à produtividade de identificação com relação à Amazônia como contexto que os frequentadores se relacionam no local. Como é observado na imagem a seguir, acima do carro que vende camarão há um cesto de palha e um chapéu ao lado; geralmente esse vendedor fica pelos arredores da localidade empurrando o carro para fazer a venda do produto e depois voltar para feira, uma movimentação tradicional que ocorre também em outras feiras da cidade.

Imagem 15. Carro de mão para venda de camarão. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

Nesse cenário, merecem destaque as feiras por serem locais que carregam trajetórias, relíquias do passado, singularidades, crenças, tradições, costumes e identidades de um grupo. Constituem-se como espaços onde ainda é possível respirar, sentir, tocar e ver o “coração” de uma cultura, por esse motivo, as feiras são paradas obrigatórias daqueles que almejam conhecer a tradição de determinada cidade. (LOBATO & CAÑETE, 2015, p. 242).

Nessa mesma linha, é perceptível que o local também expressa costumes, como é o caso da balança analógica para pesar peixe, ou do modo como é feita a comida nas barracas de refeições e a própria gastronomia regional. No cardápio dessas barracas de refeições percebemos que de manhã é servido um pão com manteiga e café ao gosto do freguês, além de tapioca com manteiga pronta para ser servida aos clientes. Por volta do meio-dia, o cardápio tem à disposição peixe frito como a dourada, frango guisado ou frito e sempre acompanhado de arroz, feijão, salada e macarrão. Muitos ali pedem a farinha “baguda” para saborear junto ao prato, e também querem açaí para somar ao almoço do dia.

Aos finais de semana há no cardápio sopa sempre cheia de massa e carne, com diversos temperos presentes na região, como o cheiro-verde, e também é acompanhada de ovo cozido para comer com a farinha, que logo é encontrada em um pote de plástico. A comida que ali é servida proporciona a identificação que as pessoas possuem com a localidade. A tradição da farinha “baguda” geralmente vem de regiões do próprio Estado do Pará, como Bragança, distante cerca de 213 quilômetros de Belém – novamente, isso permeia identificações que ocorrem na feira do Guamá.

Outro exemplo são as frutas vendidas, como cupuaçu, tucumã, bacuri, banana e mamão, muitas vezes vindas de árvores somente encontradas na nossa região e que foram utilizadas pelos nossos povos ancestrais como alimento. Ou seja, mais uma vez é trazida essa herança presente na feira. Além disso, há aquelas que também eram utilizadas como informação de remédio, como no caso do bacuri, cujas folhas são importantes na medicina popular.

Na medida em que a identidade resulta de uma construção social, ela faz parte da complexidade do social. Querer reduzir cada identidade cultural a uma definição simples, “pura”, seria não levar em conta a heterogeneidade de todo grupo social. Nenhum grupo, nenhum indivíduo está fechado *a priori* em uma identidade unidimensional. O caráter flutuante que se presta a diversas interpretações ou manipulações é característico da identidade. (CUCHE, 1999, p. 192).

Essa complexa construção social da identidade cultural é por nós compreendida como a soma das diversas produções desenvolvidas na localidade. O importante a entender é que ao mesmo tempo que a identificação comunicativa é desenvolvida nos produtos novos prontos para a venda, na lógica feirante e freguês nós temos a “marginalização na imagem da feira” com relação à destinação de produtos, como no caso que nós podemos observar o lixo.

Imagem 16. Lixeira e urubus. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

Aqui, nós observamos a lixeira de cor laranja e envolta de vários urubus, provavelmente atraídos pelo odor que os produtos jogados no local exalam. Além disso, é interessante observar os locais de venda de alimentos como frango e carnes, algo que entra em desconforto com a ambientação ocasionada pela lixeira, já que podemos até mesmo ver urubus em cima desses estabelecimentos. Esses animais ficam no telhado para que posteriormente possam se aproximar daquele lixo. Geralmente essa grande quantidade de produtos jogados fora fica na feira ao término da venda, no início da tarde, mas no dia em que a fotografia foi tirada, um domingo, por volta das 11 horas, é provável que os produtos tenham se acumulado desde sábado.

De qualquer forma, o importante a se notar é compreender que o local possui complexa rede de identificação heterogênea, como é visto no exemplo da lixeira que em meio a feira proporciona mau odor e uma imagem repulsiva, mas se adentrarmos ao mercado principal, por exemplo, ao invés dessa imagem de urubus e frutas com vermes, observamos o aroma doce de cupuaçu, a bisteca pronta para ser assada ou a peça de peixe boa para fazer um cozido delicioso.

Com isso, não podemos dizer que a feira possui um cheiro específico ou algo que a identifique e diga o que ela é, mas ela funciona dentro de um movimento difuso que pertence àquele grupo. Ainda mais, é importante colocar que essa identificação entre os frequentadores é estabelecida na condição que determinado ponto do local proporciona, bem como sua ambientação. Como exemplo, temos a venda de ervas – muitos desses produtos exalam

cheiro específico, diferente do local de venda do caranguejo, por exemplo. Assim, é como se a localidade nos proporcionasse emoções de diferentes modos e identificações, influenciando em nosso movimento no cotidiano como “coleccionadores de experiência e sensações” (FRIDMAN, 2000, p. 80).

O termo identificação se constitui na expressão de uma oposição conceitual à noção de identidade. Enquanto uma identidade pressuporia uma coerência profunda entre projeção de um ser e a *essência* deste ser, formando assim uma ordem simbólica, uma identificação teria a consciência de sua temporalidade, ou melhor, ela se reconheceria como projeção, inscrevendo-se em uma ordem alegórica das representações. (F. CASTRO, 2012, p. 142).

As representações e diferentes modos daquela temporalidade que estão no local proporcionam diversas identificações que relacionam a forma do que a feira do Guamá é em sua realidade. A identificação comunicacional daquela interação possui um eterno movimento em que cada boxe, barraca, feirante ou freguês ocasiona a condução e a manutenção da logística daquele tempo de vida.

Essa composição é algo que se fundamenta no início da feira, ainda pela madrugada, e que vem só a terminar no fim da tarde, quando o local finaliza a troca. Mas é importante notar que a identificação comunicativa não se finaliza quando o movimento da feira acaba: ainda continua a se expressar, já que a estrutura do local, física e material, ainda permanece ali para que no outro dia novamente possam surgir novas identificações e a condução para outra temporalidade e seu mundo significativo. Nesse sentido, observamos na imagem a seguir o fator situacional da localidade, como um processo momentâneo entre os frequentadores que ocorre no movimento de venda ali existente, articulando-se com a identificação.

Imagem 17. A movimentação situacional da feira. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

Pode-se entender que a identificação, em seu tempo, constitui uma caracterização dasensibilização e é também ponto norteador de formação de interações. Deste modo, a identidade se encontra de maneira íntima com a própria constituição da estética, modo formatador da realidade que é condicionada, como se fosse um processo de experiência vivido dentro da realidade simbólica em movimento da localidade. O aspecto imaginário associa a perspectiva de se obter algo para a construção do modoimagético que é criado no movimento do cotidiano. Em vista disso, condiciona representações que permanecem como fonte de propagação de ideias que são formadas na comunicação entre sujeitos, indivíduos em envolvimento com o grupo social em determinado tempo de ser. (XAVIER, 2019, p .218-219).

Nessa perspectiva, notamos que a feira do Guamá possui um tempo de ser que é desenvolvido a cada dia em sua movimentação entre os frequentadores. Ele é algo que a caracteriza como sendo daquele bairro, visto que muitas pessoas são moradoras dali de perto e expressam o que a feira proporciona. Os feirantes formam aquele processo, mais além, os animais, como os urubus que estão ali por conta do cheiro, ou um cachorro por acompanhar o seu dono na venda; todos eles fazem parte daquele esquema que caracteriza a feira na condição de identificação.

Esse movimento resulta na aproximação entre frequentadores como se a identificação presente naquele cotidiano envolvesse influência de diferentes pessoas e conseqüentemente ocasionasse variedade de entendimento daquela realidade. Observamos essa ideia quando caminhamos nas ruas no entorno do local e é percebido como é grande a venda de variedades de objetos, que vão desde móveis, eletrodomésticos e até serviços como xerox ou corte de cabelo. Assim, é como se a movimentação da feira ocasionasse uma integração que vai além da sua função principal, que é de venda, e chega a expressões que passam pelo processo de sociabilidade.

Na separação que chamei de conteúdo e forma da vida societária. Aqui, “Sociedade” propriamente dita é o estar com um outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isto precisamente o fenômeno a que chamamos sociabilidade. (SIMMEL, 1983, p. 168).

Esse desenvolvimento da vivência da feira entre os frequentadores proporciona o envolvimento de conteúdos que ali são construídos como condição daquele cotidiano. Além disso, há estruturas que aparecem por conta das interações entre as pessoas na localidade,

como se a vida da feira estivesse relacionada aos diferentes indivíduos e seus processos que ali são expressados.

Nisso é entendido o estar com outro, para um outro, contra um outro, como é a diversidade que aparece na localidade e proporciona ligações que encadeiam na formação do local como ele é. E nós temos como resultado essa movimentação entre frequentadores e a sociabilidade. Por exemplo, nós podemos ver em cima do mercado principal uma placa indicando onde é encontrado cada produto, além de outras práticas, como a forma que a verdura é tratada para tornar sua aparência fresca, além da utilização de placas para demonstrar o valor de algo ali colocado e até mesmo vozes por todos os lados chamando um comprador.

Percorrendo a feira se ouvirá, a todo instante, um apelo comunicativo comum, cordial e respeitoso, que demonstra a disponibilidade para servir e para interagir (Castro, 2013). Esse apelo tem variações, mas uma de suas formas parecia se destacar. Por todos os lados ouvíamos: “Diga freguesa”, “Diga freguês”. Partimos dessa expressão corriqueira, cotidiana e basilar de toda interação na feira para refletir sobre o que, nesse ambiente, significa a associação das pessoas. Com efeito, a observação das interações sociais que ocorrem na feira nos reporta a duas categorias principais às quais pertence a maioria dos indivíduos que por lá circulam: a dos feirantes e a dos fregueses. (CASTRO & CASTRO, 2016, p. 103).

A relação entre os feirantes e os fregueses proporciona o processo da identificação comunicativa, pois é desenvolvida para dar vida àquela troca de venda que ali existe. Além disso, é o que proporciona aproximação, como maior venda e articulação com as pessoas que ali estão presentes. Esse movimento afeta diretamente o local, que a cada nascer de sol volta a proporcionar aquela ambientação que só a feira do Guamá possui como lugar dessas pessoas.

Nesse contexto, nós entendemos que a identificação comunicacional é evidenciada por diferentes modos de interação que na localidade existem, na produção daquele ambiente que é desenvolvido entre os frequentadores. É importante observar que a identificação é algo ligado à movimentação entre aqueles sujeitos que estão participando do processo da feira. Desse modo, é algo que permeia a logística ali produzida com aquele tempo que a localidade possui para os seus participantes. Essas pessoas têm diversidade de construções que influenciam na condição da feira como ela é. Então pertence à forma significativa que a localidade propõe como no tempo de vida que só aquele cotidiano proporciona a seus frequentadores.

Nessa complexa construção social que a localidade possui, ao mesmo momento que nós temos contato com um ambiente bom, propício ao nosso prazer, também temos contato com algo que não será agradável ao nosso sentido de observação. Como se fosse uma rede de relacionamento que articula e constrói a realidade daquele cotidiano que não podemos dizer o que é, mas apenas de que maneira ele é conduzido ao movimento entre as pessoas que estão naquele cotidiano, isso pertence à identificação comunicacional.

A sociabilidade é articulada na condução daquele ambiente entre as pessoas que ali estão, algo como a realidade ali produzida entre os frequentadores. Isso para a construção do lugar em que esses sujeitos caracterizam o seu afeto com outro, como um acontecimento entre as pessoas que participam daquele processo nas vivências que os frequentadores integram a produção da feira do Guamá. Esse aspecto proporciona a reflexão sobre seu lugar como processo que surge por conta de identificações, sendo importante esclarecer acerca da percepção do lugar.

3.3 Percepção do lugar

A ideia de lugar tem base a comunicação como movimento de integração entre as pessoas que participam do processo da feira. Trata-se de uma lógica que constrói a localidade e relacionamento com aquele acontecimento entre os frequentadores.

Em nossa relação primordial com o mundo, ao nos abandonarmos às virtudes protetoras do lugar, firmamos nosso pacto secreto com a terra, expressamos por meio de nossa própria conduta, que nossa subjetividade de sujeito se encolha sobre a terra firme, se assente, ou melhor, repouse. É desse lugar, base de nossa existência, que, despertando, tomamos consciência do mundo e saímos ao seu encontro, audaciosos ou circunspectos, para trabalhá-lo. (DARDEL, 2011, p. 40-41).

A produção da comunicação na feira é desenvolvida na condição de sentido entre as pessoas que participam da localidade, assim como na estruturação entre os indivíduos naquele cotidiano.

a princípio, somente o ponto de entrada é claramente reconhecido; além fica o espaço. Após um tempo, mais referências são identificadas e o sujeito adquire confiança no movimento. Finalmente, o espaço consiste em caminhos e referências familiares - em outras palavras, lugar. (TUAN, 1983, p. 81).

Esse espaço caracteriza a lógica presente entre os frequentadores que aparece como fonte de posicionamento do sujeito com relação àquela realidade, a qual proporciona caminhos imagéticos e sensíveis para ocasionar o afeto ou o distanciamento entre aqueles indivíduos. Nós podemos ver a percepção de lugar em cada vendedor no seu boxe, o açougueiro que tem orgulho em cortar carne, a mulher que vende ervas e que sabe várias fórmulas, a dona de casa que vai à localidade pensando em um produto específico.

Percebe-se a condição do lugar não apenas na feira do Guamá, mas nas interações que influenciam a localidade, como a logística de abastecimento, que muitas vezes proporciona a integração de diferente pessoas ou dos próprios produtos, como o açaí e bacuri, que são parte das referências existentes dentro da nossa sociedade amazônica. Nisso também inclui-se a culinária, como o peixe frito com farinha “baguda” e a maniçoba, muitas vezes servida em época de Círio da Nossa Senhora de Nazaré. Todos esses são fatos que evidenciam o significado da percepção de lugar na feira.

Assim, o lugar repousa sobre a ideia de um sujeito ativo que deve, sem cessar, tecer ligações complexas que lhe dão sua identidade, ao mesmo tempo em que definem suas relações com seu ambiente. O relato fornece o meio de operacionalizar o espaçoconceitual assim aberto. O lugar, como o sujeito, se institui e se exprime sobre o modo privilegiado da narrativa. (BERDOULAY & ENTRIKIN, 2012, p. 109).

O lugar na localidade é desenvolvido por conta dos frequentadores que ali são ativos em suas expressividades, numa interação presente naquele cotidiano que é transformada na lógica que ocorre entre os indivíduos. Assim, proporciona a estruturação daquela realidade com relação aos sujeitos que articulam aquele tempo de vivência. Na imagem abaixo nós podemos ver o vendedor de caldo de cana como participante da estruturação daquele lugar a partir do processo de interação com o seu freguês, assim como seu posicionamento em frente ao mercado principal para obter a venda do dia.

Imagem 18. Venda de caldo de cana. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

É como se as interações existentes dentro daquele acontecimento ocorressem na localidade dentro de aproximações entre frequentadores e assim proporcionasse a condição daquele lugar como fonte de encontro. Há ainda narrativas que equivalem ao campo linguístico, como escritos em paredes ou na propagação de determinado produto em placa com o preço, as interações que a feira proporciona – tudo compõe a percepção do lugar que a localidade evidencia.

Produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. (CARLOS, 2007, p. 22).

O lugar da vida é entendido na vivência que a feira demonstra em seus inúmeros gêneros de esquemas de troca. A história que a localidade possui, a cultura como expressão da sociedade amazônica, isso existe por conta da movimentação que ocorre naquele cotidiano e é envolvido na relação das trocas que aparecem na relação entre o homem e a natureza.

No local, observamos que a natureza se faz presente em frutas, legumes e no peixe; é algo que caracteriza aquele lugar. A aquisição de alguns produtos que vêm do mar ou de regiões alagadas do interior do Estado, como o caranguejo, são fatores participantes da percepção do lugar da feira do Guamá.

Por consequência, a natureza é encontrada na representação das mercadorias na integração entre aquelas pessoas. Geralmente os produtos chegam em caixas de madeira, como é observado na imagem a seguir, com o limão, e são distribuídos na barraca onde é vendido o item. Então temos o descarte da caixa de madeira em algum canto, servindo também para quantificar o produto para a compra do feirante, que posteriormente fará a venda para seu freguês, onde ele já sabe a quantidade de produto que uma certa caixa possui.

No caso do limão, é vendido em diversas partes da feira, servindo principalmente para tratar o peixe, como também para misturar em temperos e diversos pratos da nossa região. É um produto que é encontrado em grande quantidade e participa ativamente da culinária regional, além de ter uso medicinal nas tradições populares amazônicas.

Imagem 19. Venda de limão. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

Nesse processo, observamos o lugar dos costumes que ali resultam da familiaridade que a feira do Guamá proporciona em seu movimento cotidiano, assim como também são pontuados os relacionamentos entre esses frequentadores que articulam camada de interações que se adequam ao tipo de sociabilidade pertencente àquele grupo.

Assim, o mundo social no qual o homem nasce e tem de achar seu caminho é por ele vivenciado como uma rede fina de relacionamentos sociais, de sistemas de signos e de símbolos com sua estrutura de significados particular, de formas institucionalizadas de organização social, de sistemas de status e prestígio, etc. O significado de todos esses elementos do mundo social, em toda a sua diversidade e estratificação, assim como o padrão de sua própria textura, é tido como pressuposto pelas pessoas que nele vivem. A soma total dos aspectos relativamente naturais, que o mundo social tem para as pessoas que nele vivem, constitui, para usar uma expressão de William Graham Sumner, os costumes do “grupo interno”, que são

socialmente aceitos como as formas boas e corretas de se confrontar coisas e pessoas. São vistos como pressupostos porque se provaram eficientes até então e, sendo socialmente aprovados, são vistos como fatos que dispensam explicação ou justificativa.

Esses costumes constituem herança social que é transmitida às crianças que nascem e crescem dentro do grupo. (SCHUTZ, 2012, p. 80).

Determinada herança social equivale ao processo de transmissão que é expressado na localidade nos modos de integração que o lugar da feira proporciona, bem como nas estruturas de representatividades desenvolvidas entre os frequentadores. Também isso é encontrado em pinturas para chamar um comprador, como no exemplo da placa de venda de alguma mercadoria, uma bandeira com o nome do produto, várias placas na parede no mercado principal com imagens de produtos de diversos tipos e a própria maneira como é exposto um frango morto, que fica geralmente em cima do balcão ou em um freezer com proteção de vidro. Outro caso é o do peixe cortado em peças que são penduradas em acessórios de ferro.

Em tal contexto, a utilização de sacos para colocar legumes ou frutas também é passível de análise. Já na venda de açaí, utiliza-se vasilha de metal de um litro ou meio litro para quantificar o produto, enquanto a farinha de tapioca muitas vezes é vendida em litro ou meio litro, com um valor específico. Geralmente quando se vai comprar esse último produto, o vendedor já vai com uma vasilha específica para a mercadoria, ele somente verifica a quantidade ou deixa no saco com aquele ajustamento específico, conforme vemos na fotografia a seguir.

Imagem 20. Venda de farinha tapioca. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

Essa imagem evidencia o processo de herança social que proporciona os costumes, que nada mais são do que movimentos característicos daquele lugar, como resultado daquela produtividade de identificação existente entre os frequentadores da feira. Nós podemos colocar nessa comparação o modo de entendimento que uma pessoa precisa proceder para se adequar a um determinado cotidiano, como na questão do grupo social da feira do Guamá, em que se encontra na lógica mundana entre os frequentadores como modo de apreensão da comunicação existente.

Uma das aberrações mais comuns do impulso causal humano consiste em assumir condições formais, sem as quais certos acontecimentos não podem ocorrer, como causas positivas, produtivas desses mesmos acontecimentos. O exemplo típico é o poder do tempo – uma figura idiomática que inúmeras vezes nos engana, levando-nos a não buscar as reais causas do abrandamento ou arrefecimento das concepções, de processos anímicos de cura ou de hábitos cristalizados. Em vários casos, não será diferente com o significado do espaço. Se uma teoria estética proclama que a função essencial das artes plásticas é fazer-nos sentir o espaço, ela não atenta para o fato de que o nosso interesse se centra exclusivamente nas figurações especiais das coisas, e não no espaço ou na espacialidade em geral, que apenas constituem a *conditio sine qua non* de tais figurações, sem contudo perfazerem a essência particular dessas mesmas coisas ou serem seu fator gerador. (SIMMEL, 2013, p. 75).

As coisas evidenciam figurações quando adentram a interação entre os frequentadores que na feira é relacionada com os objetos daquele espaço, no qual as coisas possuem temporalidade determinada pelo movimento do próprio lugar, como se a percepção nos proporcionasse o entendimento daquele espaço com a temporalidade. Isso nada mais é que a junção da diversidade de pessoas que participam do processo da feira. Algo que não é estruturado, mas é formado naquele acontecimento que é o cotidiano da localidade, e por conta disso, não podemos dizer que o lugar da feira do Guamá é uma condição formal, mas sim, um movimento contínuo que adentra a configuração de cada sujeito que frequenta o local, na condução da interação.

Trata-se, portanto, de um envolvimento que é desenvolvido em processos de condutibilidade do sentido que permeia a movimentação dos frequentadores e seus modos de construção daquela realidade. Funciona, então, como rede de expressividade que proporciona afeto familiar e que adere o indivíduo naquele cotidiano como produção daquela realidade na identificação de ligação com aquele cotidiano. Desta forma, a percepção do lugar na feira do Guamá se dá pelo processo integração, que possui como condição a ligação existente entre as pessoas que lá estão naquele ambiente. Justamente no fluxo do movimento que desencadeia o

acontecimento do local e que evidencia a relação entre os frequentadores e expressam a estrutura de construção daquela realidade.

Nesse quesito, nós podemos observar a lógica existente entre pessoas que proporcionam relações como forma de construção de sentido entre eles, como na questão do afeto ou distanciamento como condição da formação do lugar. Isso ultrapassa o local e também é produzido em interações que não estão na feira, mas que influenciam indiretamente entre o que estão presentes.

A construção do lugar da feira do Guamá é desenvolvida na ligação entre os frequentadores que processam esquemas de identificação para compor o cotidiano de cada indivíduo que participa do procedimento comunicativo dentro do tempo de vivência da feira. Tal aspecto compõe-se de narrativas para a configuração da realidade como condução da localidade e sua produção, e dentro disso é possível observar a natureza como esquema de relacionamento com o envolvimento sensível da localidade, com produtos e diversas estruturas, como costumes que expressam a condição de lugar naquele cotidiano. Assim como o espaço e a lógica de movimentação entre diferentes sentidos, que é desenvolvida e cria a condição daquela temporalidade de vivência que é conduzida dentro da comunicação entre seus frequentadores, permeando a percepção do lugar da feira, o qual pertence a sociedade culturalmente constituída na expressão amazônica presente naquele cotidiano.

Em síntese, pode-se dizer que a percepção do lugar na feira propõe a dimensão sensível que é percebida na localidade como forma de produtividade da realidade do local dentro de expressividades que acabam por ser produzidas no relacionamento entre os frequentadores. Isso nos faz pensar que a feira é movimento que compõe-se de espaço e temporalidade, uma energia que pulsa a partir da estruturação de vida que ali é encontrada e transforma a localidade em dimensão de sentimento de vivência, incluindo a sensibilidade na produtividade da racionalidade que pertence àquele cotidiano entre os seus frequentadores.

4. A dimensão sensível desenvolvida na feira

4.1 Sentimento da vivência

O sentimento da vivência surge na identificação, que é a integração de sentimentos, e é desenvolvido na interação entre os frequentadores da localidade. Assim, nós podemos observar na fala a emoção que ocorre naquela vivência – a exposição de seu João pontua a amizade, o comportamento e a comparação do local com sua casa, numa relação de pertencimento para com a feira.

A convivência aqui na feira ela é boa, quando eu tive uma amizade ao longo do tempo eu tou tendo uma amizade aqui com as pessoas, depende muito do comportamento de cada vendedor, o modo de tratar, entendeu? Aqui na verdade é a nossa casa, nós passamos mais hora aqui, do que na nossa casa, das sete horas até vinte uma horas que eu fico aqui, que dizer, eu passo mais tempo aqui, do que em casa, entendeu? Então aqui é minha casa. ¹

O sentimento da vivência é encontrado na experiência sensível que surge por conta da interação entre as pessoas, resultado da integração que ocorre naquele cotidiano, como na ligação entre os sujeitos no local – isso influencia o sentido que é posicionado naquele cotidiano da feira. Esse sentimento pertence ao campo dos gostos e é ligado à criação de relacionamentos existentes entre os frequentadores.

Todas as vezes que perguntamos a um feirante e a um frequentador da feira, o que ele mais gosta na feira, ele se remete a uma experiência sensível, sensorial: desta maneira, notamos que eles estão falando de sensibilidade. Assim, no sentido fenomenológico e cotidiano, o gosto não é uma coisa constituída, *cogito*; mas o gosto é uma sensibilidade. (CASTRO, 2018, p.27).

Essa experiência sensível constitui-se como expressividade dos frequentadores na feira, de forma que o sentimento da vivência pertence à sensibilidade, como no cheiro que é presente no local, nas dimensões dos produtos e o modo como as pessoas são posicionadas no ambiente. Também está na propagação de um produto (como na venda de carne), na utilização do nome para o box, a cor vermelha na representação da mercadoria, a maneira que é colocado a carne em um S. Na imagem a seguir, nós observamos o modo como o feirante e o comprador interagem na troca do produto.

¹ (JOÃO SILVA, 2021), frequentador da feira.

Imagem 21. Venda da carne. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

Essa vivência é desenvolvida em diferentes boxes que fazem parte da feira, exemplificando a lógica que permeia os movimentos pertencentes à localidade. A interação é conduzida nos sentimentos, por conta da vivência ali presente, onde só a feira do Guamá expressa aquele ambiente. Esse cotidiano é produzido com os feirantes, com as pessoas que vão lá para comprar, ou até mesmo os indivíduos que ficam ali por algum outro motivo, como por exemplo, não ter teto, comida, entre outras questões.

É como se aquele sentimento da vivência estivesse ligado diretamente à movimentação da localidade, na interação entre os frequentadores que ali participam do processo cotidiano que a feira proporciona. Assim, nós temos a possibilidade que nasce na dinâmica interacional que pertence àquele lugar, o que é entendido como o comum na produção daquele movimento.

O homem é, por assim dizer, um complexo dinâmico de idéias, forças e possibilidades. De acordo com as motivações e relações de vida e suas mudanças, faz de si mesmo um fenômeno diferenciado e claramente definido. Como ser político e econômico, como membro da família e como representante de uma profissão, é, por assim dizer, uma elaboração construída *ad hoc*. Em qualquer dessas qualificações, o material de sua vida é determinado por uma idéia particular e moldado numa forma particular. Contudo, a relativa autonomia de suas vidas se nutre numa fonte comum de sua energia (SIMMEL, 2013, p.171).

A moldagem de forma particular é a configuração que esse sentimento da vivência elabora para cada pessoa que participa do processo da feira, e expressa resultado das vivências pertencentes àquele cotidiano como fonte de sensibilidade na localidade. Ao final, isso é o que os frequentadores aderem para a vida em comum, na ideia particular de cada pessoa encontrada naquele movimento da identificação.

Nesse aspecto, é observada a maneira como a localidade é percebida pelas pessoas que estão naquele movimento e participam daquele cotidiano. Assim, nós podemos entender, na fala a seguir, onde o sujeito situa o local como necessidade e processo de ligação.

Pra nós que dependemos desse trabalho aqui é importante demais, a gente não tem oportunidade de trabalho né, então é daqui que a gente ganha o pão de cada dia, daqui que a gente tem as nossas necessidades supridas então é daqui desse trabalho, então é muito importante.²

Determinada fala propõe a importância do significado de ser da feira como função social que o local possui, como é internalizado entre os frequentadores em sua condição de realidade. A sensibilidade que o local produz é presente desde o modo como aquelas pessoas adentram à feira no decorrer da interação até o sentimento da vivência.

Ainda mais, é importante entender que as necessidades que ele coloca atendem tanto ao campo da condição de sujeito que participa daquela socialização, como ao aspecto que é explicado na alimentação e geração de renda. Quando fui fazer a entrevista desse senhor, ao lado estava um amigo dele que logo quando eu saí, foi ao seu encontro – esse parceiro talvez fosse perguntar sobre aquela situação, ou saber o motivo da entrevista que eu acabara de fazer.

A movimentação do amigo do seu Mário possibilitou-me entender a representação de uma proteção, dúvida ou curiosidade sobre aquilo que tinha acabado de ocorrer. É o processo do sentimento da vivência que foi construído dos mais de vinte anos que aquele senhor interage com o local. Esse processo de vivência constitui o sentimento como construção da existência da feira entre os frequentadores, num movimento entre as pessoas que ali participam do cotidiano, o que proporciona a expressão da sensibilidade presente no local.

² (MÁRIO AZEVEDO, 2021), frequentador da feira.

Da expressão do sensível, do senso de com-presença, da intuição, das afecções humanas – da Sensibilidade.

Na cultura e no existir humanos, a pertinência e a relevância da presença constitutiva da Razão (*Ratio, Logos*) é imprescindível como senso que potencializa a criticidade e de indagação radical, como possibilidade de uma Razão que dialoga e que cria Sentidos. (ARAÚJO, 2009, p.200).

Essas afecções humanas pertencem à manutenção da sensibilidade para que a mesma ainda esteja presente naquela realidade. Temos com isso os preços que estão relacionados aos produtos, como no líquido amarelo que é chamado de tucupi, perto das folhas de jambu, pois muitas das vezes são vendidos juntos para a preparação de diversos pratos, como o pato no tucupi e o tacacá.

Isso pertence à construção racional da feira e seu cotidiano. Na relação das pessoas que participam desse movimento, essa perspectiva adentra a esquemas de vivências que são específicas da localidade, como é observado em uma parte do local, onde nós podemos ter a venda de joias e bijuterias.

Imagem 22. Venda de joias, bijuterias. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

A sensibilidade precisaria ser alcançada no seu acontecer. Ela não é um objeto a ser inteligido, mas um gesto, um sentimento, uma atitude que assume uma realidade segundo as exigências de cada momento, como resposta a um determinado apelo ou como atendimento a uma necessidade. A sensibilidade não se deixa representar por que ela é presença. É um estar-junto. (SANTIN, 1997, p.7).

Nesta perspectiva, é observado o sentimento da vivência como aspecto da realidade e suas exigências, como na logística, nos produtos que ali são vendidos, no envolvimento entre os frequentadores e, sobretudo, na condição de sentir coletivo. Essa lógica proporciona aos frequentadores a representação surgida na venda ou por sentimento de integração com aquela realidade.

Muitas das vezes, o freguês já possui uma barraca específica para comprar o produto, e por conta da vivência, ali alicerça o processo de aproximação que fomenta o sentimento. Podemos ver isso na troca de mercadorias entre os feirantes e na venda de produtos com menor preço segundo Castro.

Compreendemos o gosto enquanto afinidade eletiva – aquela afinidade que corresponde não a uma razão lógica, mas a uma razão subjetiva, a uma razão emocional que se constrói no tempo e no espaço, ao longo das vivências. Portanto, não se trata de bom ou mau gosto, o gosto é sempre o resultado de interações que se conformam a parti de uma vivência cultura. (CASTRO, 2018, p.48).

O gosto, portanto, corresponde ao resultado desse sentimento da vivência que propõe tal afinidade coletiva entre os participantes e alicerça as estéticas identitárias que povoam aquele ambiente. Desta forma, naquele cotidiano desenvolve-se o saber em decorrência das atividades que são produzidas na feira e da soma das interações que os sujeitos tecem na localidade.

As vivências cotidianas são campos férteis para o conhecimento da realidade, pois o cotidiano é composto de relações impregnadas de saber. No cotidiano as pessoas convivem, desenvolvem suas atividades econômicas e sociais, as relações são tecidas e partilhadas de forma emocional e efetiva e são impregnadas de aspectos culturais. No cotidiano as representações sociais são elaboradas socialmente e funcionam no sentido de interpretar, pensar e agir sobre a realidade. Caracterizam-se com um comportamento observável e registrável, simultaneamente, individual e social, impregnado de significados que se originam na vida diária. (DARTORA, 2010, p.277).

Isso pode ser observado no modo como as coisas da feira se colocam, na maneira que proporcionam a condição de expressividade entre os indivíduos. Na imagem a seguir, nós podemos visualizar diversos tipos de produtos e o valor correspondente às mercadorias. Temos também o uso de saco vazado amarelo, que é bastante utilizado na localidade, assim como as

garrafas, geralmente reutilizadas para conduzir o comprador na quantidade que quer de um produto.

Imagem 23. Disposição das mercadorias. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

Essa lógica é a manutenção do sentimento de vivência que a localidade possui na sensibilidade existente naquele cotidiano. Além disso, ela também proporciona a produção da feira nas interações que são parte daquela realidade: as expressividades das pessoas, os frequentadores que estão naquela sensibilidade e sentimento de vivência comum. Determinado sentimento de vivência é conduzido por fatores proporcionados pela interação da localidade, na relação entre os frequentadores e na adequação deles com aquele cotidiano. Além disso, o local serve como polo de envolvimento entre sujeitos, constituindo a produção das vivências pelo processo interacional entre os indivíduos em seu cotidiano.

Nesse contexto, nós temos o sentimento da vivência na forma como as pessoas são sensibilizadas naquela realidade, num processo de construção dos frequentadores que participam da feira. Como na representação, refere-se ao aspecto de socialização dos sujeitos que ali estão. Nessa perspectiva, a condução daquele cotidiano é entendida como gosto, na sensibilização que ocorre entre os presentes. Tal gosto serve tanto como fonte de significado (quando alguém fala das necessidades que a feira supre), quanto na lógica de aquisição de

dinheiro, na comida e no sentir-se dentro de uma família nas dinâmicas do sentimento da vivência que é colocado. Isso acontece nas expressividades dos boxes, na condução da interação entre pessoas e na troca dos produtos, o que é entendido como afinidades coletivas que ocorrem no movimento da feira. O sentimento da vivência, portanto, é colocado na condução daquela realidade, como energia que só existe por conta das pessoas e a vivência comunicativa pertencente à localidade.

Assim, nós entendemos a sensibilidade como ato comunicativo, na perspectiva de movimentação daquela realidade. Como resultante desse sentimento da vivência, visualiza-se a sensibilidade comunicacional: o sentimento da vivência no processo integração emotiva entre aqueles sujeitos, o qual é encontrado em projeções daquele cotidiano, nas produções dos movimentos que os frequentadores expressam na feira.

4.2 Sensibilidade comunicacional

A sensibilidade comunicacional é o processo que ocorre no ato de projeção entre os frequentadores, bem como na produção do cotidiano no contato com as coisas presentes na localidade. É o envolvimento sensível na expressividade que a feira proporciona, a adequação que o indivíduo precisa ter para adentrar àquele ambiente.

Mostra-nos Heidegger que a existência não está linearmente relacionada, por contiguidade, com os outros seres, que são as coisas e os objetos manuais. Ao contrário, êsses seres, que formam a totalidade do existente, apresenta-se para mim ocupando lugar num conjunto de referências que se inter-relacionam. É com essa trama, que é o mundo, como *horizonte indeterminado da realidade*, do qual Husserl falou, que me encontro imediatamente relacionado. (NUNES, 1967, p.157).

Nessa ideia, é importante observar as coisas e objetos manuais, onde eles precisam da interação para compor sentido, como se a localidade estivesse dentro de referências, as quais estão relacionadas entre as pessoas daquele cotidiano. A sensibilidade comunicacional é a movimentação interacional que possui o horizonte indeterminado com relação aos indivíduos da feira, como é observado na fala a seguir feita por uma frequentadora.

Meu filho eu me desempreguei nesse momento eu tinha conta pra pagar os meus filhos estavam passando fome, aí eu tive que procura algo pra fazer, alimenta a minha família [...] Bem eu trato muito bem meus freguês me dou bem com os meu amigos, não tenho encrenca com ninguém, graças a deus.³

³ (VERA AMADOR, 2021), frequentadora da feira.

O motivo dela adentrar ao cotidiano da feira é o desemprego, algo comum entre muitos feirantes que chegam a convite de um amigo, parente ou para cuidar de um box temporariamente e acabam ali se fixando de forma perene. O interessante dessa senhora é que ela é encontrada na feira fazendo a sua venda há mais de quarenta anos, e por conta disso, na fala dela há a importância para com os fregueses e amigos, como se de algum modo, quase instintivamente, ela já tivesse a sensibilidade comunicacional que poderia ser favorável para o seu processo interacional na feira.

Na tentativa de construir uma teoria do gosto, Landoski (2013) interpreta o gosto como um efeito da interação, observando que, a priori, o gosto e o sentido das coisas não existem, e que eles passam a existir e a ter valor conferido na apreensão e no conhecimento, que será negociado, seja socialmente, seja na construção do próprio processo de identificação individual, mas com a interferência de outros elementos, como o mundo, as coisas, a cultura já adquirida que sustentam uma forma de percepção e que treina o sujeito a perceber e a fruir o objeto de gozo. (CASTRO. 2018, 261).

Nessa ideia, a sensibilidade comunicacional é nutrida nos elementos que pertencem à feira como movimento sensível daquela interação cotidiana, algo que povoa aqueles sujeitos em processos de conhecimento. Como é visualizado na imagem a seguir, na venda da farinha observamos o produto em diferentes tipos, além de outras mercadorias, como o cupuaçu e o bacuri. Isso representa as formas de percepção para que aquele sujeito se adeque à feira.

Imagem 24. Venda da farinha. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

Essa sensibilidade comunicacional povoa o ordenamento de sentido à que a localidade pertence na condição daquele cotidiano. Como movimento que ocorre entre aquelas pessoas, isso é produzido em esquemas, estruturas de conhecimento para aquela realidade e a ligação de seus diversos significados. Assim, é interessante pensar na dádiva, esse processo que permeia a sensibilidade comunicacional no modo como os frequentadores estão no agir.

Ao definir a dádiva como o sistema de trocas básico da vida social permite romper com o modelo dicotômico típico da modernidade, pelo qual a sociedade ou seria fruto de uma ação planejadora de Estado ou do movimento fluente do mercado. O entendimento do sentido sociológico da dádiva quebra esta dicotomia para introduzir a idéia da ação social como <<inter-ação>>, como movimento circular acionado pela força do bem (simbólico ou material) dado, recebido e retribuído, o qual interfere diretamente tanto na distribuição dos lugares dos membros do grupo social como nas modalidades de reconhecimento, inclusão e prestígio. (MARTINS, 2005, p.53).

As modalidades de reconhecimento nada mais são do que a integração das pessoas que participam daquele cotidiano, nascendo como resultado dessa troca entre aqueles indivíduos a produção de representação. Temos como exemplos quando uma barraca fica à frente de outra, a utilização de propaganda (com placas e pinturas) e a adoção de equipamentos, como o de corta osso.

Nestes moldes, a sensibilidade comunicacional é encontrada em movimento contínuo na feira, onde muitas das vezes a dádiva pode mudá-la nas estruturas existentes entre os frequentadores. Isso pois a dádiva é a medida presente na interação entre os sujeitos da localidade, exemplificando o sentido que aquelas pessoas possuem.

Na nossa vida cotidiana ou, como diz Husserl, “do ponto de vista natural”, aceitamos sem questionar a existência do mundo exterior, o mundo de fatos que nos cerca. Na verdade, pode ser que duvidemos de qualquer *datum* desse mundo exterior, pode ser até que desconfiemos de tantas experiências desse mundo do quantas quisermos; mas a crença ingênua na existência de *algum* mundo exterior, essa “tese geral do ponto de vista natural”, vai subsistir, impertubável. Mas através de um esforço radical de nossa mente, podemos alterar essa atitude, não transformando nossa crença ingênua no mundo exterior em descrença, não substituindo nossa convicção de sua existência pelo seu contrário, mas suspedendo a crença. (SCHUTZ, 2012,p.58).

Nessa ideia, entendemos as experiências que permeiam a interação na reflexão do mundo exterior em relação ao processo de significado da feira, proporcionando novas vivências aos que estão presentes. Na imagem a seguir, é possível observar as diferentes disposições de frequentadores no local, como na venda de frutas, na venda de bebida, o motoqueiro esperando o passageiro, ou até mesmo um cachorro dando uma volta por ali. Isso demonstra a diversidade da sensibilidade comunicativa que é encontrada naquele cotidiano.

Imagem 25. A diversidade da feira. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

Essa movimentação ocorre todos os dias da semana e também proporciona a ambientação da feira na maneira que ela é conduzida pelos frequentadores. Isso exemplifica a lógica daquele cotidiano que é expressa na localidade. A crença que Schutz (2012) pontua é a das estruturas de interação que as pessoas constroem com o local, como é observado na placa da imagem dizendo “BAR DO PAULO”, em que apresenta a condição de um local recreativo. Entende-se, então, o envolvimento das pessoas como resultante da crença (Schutz, 2012). Assim, nós observamos na fala a seguir da frequentadora a explicação do tempo que ela foi parar na feira, o impacto de ter que sair de um emprego formal para um informal e sem experiência alguma, indo de encontro com a sensibilidade comunicativa da feira. Essa crença

também pertence à lógica de construção do cotidiano, com a qual Dona Laura teve experiência no início de sua carreira, há mais de vinte anos.

Olha incrível, foi quando eu me desempreguei do supermercado almirante, hoje em dia né, é a antiga americana e eu estava parada e a minha irmã ela vendia roupa, tinha banca e ela tinha banca aqui, que é justamente onde me encontro, era uma. Ae um dia ela disse se eu não queria trabalhar na feira, eu não tinha experiência nenhuma, mas eu aceitei o desafio, com muita luta, com muito sacrifício, no templo, deus me fez uma feirante.⁴

A ideia de desafio que ela coloca fica evidente no desconhecimento da feira, numa sensibilidade comunicativa que era ausente com relação à localidade. Então, ela teve que adentrar naquela interação; o significado de desafio, a luta, foi o modo como ela utilizou para expressar o contato com a crença que ela carregava e a nova que ela mesma obteve em contato com aquele cotidiano.

Esses fatos têm consequência de longuíssimo alcance. Na base das condições práticas e das necessidades, nossa inteligência, nossa vontade, nossa criatividade e nossos sentimentos trabalham os materiais que desejamos arrancar da vida. De acordo com nossos propósitos, damos a esses materiais certas formas e apensa sob estas formas nós os acionamos e usamos como elementos de nossa vida. Mas acontece que estes materiais, estas forças e interesses, afastam-se de um modo muito peculiar, do exercício de vida que originariamente os produziu e empregou. (SIMMEL, 2013, p. 166).

Na ideia apresentada acima, é interessante entender o processo da sensibilidade como condição de estruturação mundana do sujeito, na percepção da realidade que é encontrada em movimento comunicativo. É possível observar na prática a necessidade que permeia a produtividade dos frequentadores que estão na localidade, pertencente não apenas a uma pessoa, mas a todos os indivíduos que participam da feira como um todo. Essa ideia fica presente nos serviços prestados, como podemos observar em uma Lotérica localizada na feira, que serve para pagar algum documento, para efetivar algum depósito, recebimento de dinheiro ou outro tipo de transação bancária.

⁴ (LAURA MORAES, 2021), frequentadora. da feira.

Imagem 26. A lotérica. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

Imagem 27. Gigante da fortuna. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

A maioria dos que utilizam a Lotérica são os feirantes, adentrando ao local para tirar o dinheiro que obtiveram na utilização do cartão que os fregueses usam. Isso pois muitas transações na feira já ocorrem sem o dinheiro físico, apenas na passagem do cartão ou, mais recentemente, na transação feita por pix, um meio de pagamento eletrônico instantâneo, que é usado desde a barraca de dentro do mercado, até aquele indivíduo que vende seus produtos com a carroça na rua.

Tudo isso representa interações contínuas, as quais nascem na lógica relacional entre os frequentadores e influenciam a sensibilidade comunicacional a que a feira pertence, além dos sentimentos que povoam a localidade e o exercício de vida que ocorre no movimento entre os indivíduos daquele cotidiano. Assim, as relações daquela realidade formulam processo de construção sensível em que a cada dia a feira é impulsionada à mudança dentro da lógica cotidiana presente no local.

O que importa, em nossa perspectiva, é que a feira, espaço de troca, espaço de interações, pode ser pensada como uma forma social viva e pulsante, que se conforma continuamente a partir das múltiplas interações ocorridas em seus espaços e temporalidade [...] a feira da qual falamos não se limita a uma localidade; ela atravessa espaço socioculturais e temporais, se conformando através de interações contínuas (CASTRO, 2018, p.15).

O movimento de troca que a feira proporciona é a condição interacional entre os frequentadores, o que movimenta a sensibilidade comunicativa da localidade ao processo de construção de experiência entre seus pares. Nós temos, então, espaços e temporalidades que pertencem ao local e são como construções daquela realidade. Nesse âmbito, as interações contínuas mantêm a condição das sensibilidades comunicativas que aparecem naquela realidade, e isso vai do movimento da racionalidade específica da feira, produzido pelas pessoas que ali estão, ao envolvimento da experiência da localidade, que possui afetação dentro da interação naquele cotidiano.

Assim, a sensibilidade comunicacional é entendida na projeção que ocorre entre as pessoas da feira na condução daquele cotidiano, bem como no envolvimento sensível que é proporcionado por conta da interação entre os sujeitos que estão no local com produções diversas.

Nesse sentido, percebe-se a maneira como as pessoas afetam aquele cotidiano e como são afetadas por ele, o que possibilita o sentido daquela realidade. No modo das estruturas de representatividades, elas pertencem ao movimento entre as pessoas e adentram ao gosto, no modo que as pessoas possuem relacionamentos e sustentação de elementos da feira.

Nesse contexto, a sensibilidade comunicacional é mantida, mas também entra em mudança no decorrer das movimentações entre as pessoas, com a dádiva como sistema que regula o modo como a feira vai ser produzida, na condição entre os frequentadores que precisam experimentar o contato com o local. A diversidade da feira, portanto, é resultante dessa interação do envolvimento entre os frequentadores que estão naquele cotidiano.

Dessa forma, nós temos o aparecimento do movimento contínuo interacional a partir do convívio entre os frequentadores, constituindo a lógica de existência que é a realidade que aquelas pessoas mantêm coletivamente, na crença que a feira possui. Nisso, é interessante entender as significações e a percepção que a localidade produz, como exemplo, a mudança significativa de entendimento na fala de um frequentador.

A importância da sensibilidade comunicacional é encontrada no movimento sensível e proporciona a condição do significado daquele cotidiano. Então, possibilita o envolvimento entre as pessoas na feira como esquema pertencente a cada sujeito que ali é encontrado, o que evidencia a razão sensível ao processo de estruturação da experiência no processo simbólico, significativo do que é a feira, na linguagem, no sentido e no juízo que sua experiência proporciona a quem a frequenta.

4.3 Razão sensível

A razão sensível surge na ordem lógica, sendo desenvolvida na interação entre os frequentadores da localidade e ligada ao processo da realidade dos indivíduos no cotidiano da feira. Trata-se de uma sensibilidade que atua na condução significativa a que o local pertence, na realidade que é construída entre as pessoas que lá estão.

o que está em ação, de maneira difusa, nos diversos imaginários sociais onde parece prevalecer, cada vez mais, a aceitação ou a acomodação a um mundo tal como é. É o que permite falar da “contemplação do mundo” como figura maior da pós-modernidade. É a partir daí que se pode insistir – na análise das formas, no levar a sério os fenômenos ou no retorno da experiência – sobre aquilo que Gilbert Durand chama de “papel cognitivo da imagem”. Imagem que não busca a verdade unívoca mas que se contenta em sublinhar o paradoxo, a complexidade de todas as coisas. A especificidade dessa atitude mental é de não transcender o que é manifesto, não aspirar a um além, mas, isto sim, de remeter-se às aparências, às formas que caem sob os sentidos, para fazer sobressair sua beleza intrínseca. (MAFFESOLI, 1999, p.25).

O imaginário pertence à condição de representatividade que a feira produz por causa da interação que é evidenciada para compor o significado e a representatividade do que a localidade constitui. Dentro dessa ideia, temos a “contemplanção do mundo” como processo mental de cotidiano que ocorre na relação entre os frequentadores e que é resultado da razão sensível que povoa aquele espaço. Importante notar que as aparências estão na composição da sensibilidade, promovendo formas e o sentido como aspecto de produtividade da razão que surge na feira do Guamá.

A feira enquanto forma-interstício, enquanto uma unidade estrutural que conforma um mundo, geradora e fruto de encontros fortuitos, que nasce como uma forma potencial de gerar diversas outras formas em seu interior, possui estética relacional, uma estética que se forma a parti da materialização desse encontro, dessas relações que a fomentam, que a geram, mas também se reverberam, morrem, nascem e renascem em seu seio. Uma estética também maffesoliana, na qual a ênfase está na emoção, no sentimento, e, portanto, numa estética do esta-junto; e eu diria, num estar- junto, em um sentimento partilhado que conforma. (CASTRO, 2013, p. 38).

Esse sentimento partilhado que conforma é a razão sensível na localidade. Nós podemos perceber essa ideia na imagem a seguir, onde é observado o modo como as letras são utilizadas para dizer algo, o significado sobre determinado produto ou, até mesmo, para propor uma representação, como vemos na imagem do Carqueijo na foto. Assim como na expressividade da cor amarela do tucupi, o vermelho da propaganda sobre a barraca e o verde da estrutura de ferro.

Imagem 28.As marcas da localidade. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

A imagem evidencia a razão sensível como processo de condução daquele cotidiano na manutenção da interação entre os frequentadores, expressando aspectos que povoam os relacionamentos lá existentes. Exemplificamos essa perspectiva na fala da frequentadora a seguir, uma mulher que antes fazia a sua venda dentro do mercado principal em dois boxes, mas que passou a ficar no lado de fora com objetivo de ter melhores vendas.

Olha eu me sinto aqui, trabalho aqui já tem um ano e sete meses, já trabalhava lá dentro, em dois boxes lá, só que devido a situação da feira tá praticamente um abandono aqui. Aí, comecei a vim pra cá pra fora, a expectativa daqui de fora, é melhor, mas só que né, a dificuldade aqui é a nossa insegurança, entendeu?.⁵

Antes de sair do mercado, a mulher era encontrada com problemas nas vendas, sem conseguir vender dentro do local e relatando a péssima condição de trabalho. Importante notar que a senhora trabalhava junto com seu filho, o qual desenvolveu depressão grave, e por conta disso, não pode mais acompanhá-la na feira. Aqui a razão sensível é presente no modo como essa mulher é afetada na localidade e as escolhas que a mesma promove em sua movimentação na feira.

Nessa perspectiva, nós podemos atentar para a mudança de interação que essa pessoa desenvolveu com o local durante esse um ano e sete meses. Como se o tempo na condição de afetação com aquele indivíduo interferisse na mudança da razão sensível que é presente naquele cotidiano. Deste modo, confirma-se que a razão sensível adentra ao processo de movimentação permanente que aquela realidade propõe.

A inquietação intelectual a respeito de como os indivíduos comunicam-se sócio comunitariamente (seja nas esferas pré-primárias como nas esferas globais); como constroem seu elan comunitário independente e autonomamente à lógica do sistema; e se a religião, a relação e as identidades comunitárias da contemporaneidade enraízam-se em sensibilidades e sentimento que caminham junto à racionalidade das escolhas em estar lá, fazer parte de, pertencer para logo despertenc. (FERNANDES, 2009, p.15).

Nisso, temos a ligação comunitária que a razão sensível constrói com aquelas pessoas, como processo de lógica presente naquele cotidiano na interação entre os frequentadores. Dentre os diversos tipos de sensibilidades estão aqueles que se relacionam com a estrutura da feira, a movimentação entre pessoas, a interação entre os indivíduos e a condição na ligação entre os frequentadores. Esse processo faz com que as pessoas adentrem em agregação ou na manutenção daquela realidade produzida por esses sujeitos – o movimento do sentimento, a sensibilidade em colaboração com a racionalidade, a condição de construção mental entre

⁵ (FERNANDA SOUZA, 2021), frequentadora da feira.

peessoas que participam da feira. Podemos entender esse aspecto na fala da mesma frequentadora, que coloca as questões que a fizeram deixar o lugar dentro do mercado principal.

Eu vim pra cá também mais, porque lá pra dentro é muito quente, então, muito abafado. Eu fiquei no lugar lá nos fundos, lá para perto do peixe. Então não entra ventilação e as plantas precisam desse ambiente, vento, sol, né. Então eu resolvi vim pra cá, aqui eu só trabalhava dia de domingo, trabalhar os restos do dia lá, aqui só dia de domingo. Agora eu tou vindo direto, de sexta à domingo pra cá, lá dentro não tem condições, eu perdia muita planta lá.⁶

A fala de Fernanda nos faz entender o modo com que ela se sentiu naquela situação, a maneira como adentrou naquela racionalidade e a sensibilidade no cotidiano da feira. Como exemplo, temos na fala da senhora o odor do peixe que disputava com o cheiro de suas plantas, o ambiente sem ventilação, o sol e outras variantes que afetam a lógica de venda existentes no local. É como se o processo de localização ocasionasse a mudança da mulher para outra parte da feira, com intuito de ter melhor venda e maior grau de interação com os fregueses que querem ter aquele produto. Nesse contexto, observa-se a condição do conhecimento da mente pertencente à razão sensível.

O conhecimento da mente de outro indivíduo só é possível através de eventos que ocorrem ou são produzidos pelo seu corpo. Na terminologia de Husserl, isso é um caso relevante de referência de apresentação. De acordo com ele. O outro é, desde o começo, dado a mim como ambos um objeto material com sua posição no tempo e no espaço, e um sujeito com sua vida psicológica. Seu corpo, como todos os objetos materiais, é dado à minha percepção original ou, com fiz Husserl, em presença originária. Sua vida psicológica, porém, não me é da em presença originária, mas somente me “co-presença”; não é apresentada, mas apresentada. Através da mera percepção visual contínua do corpo do outro e de seus movimentos, constitui-se um sistema de apresentações, de indicações bem ordenadas de sua vida psicológica e de suas experiências. (SCHUTZ, 2012, p.160)

O conhecimento da mente surge por conta da interação do indivíduo com aquele cotidiano, ao qual evidencia articulações racionais sensíveis que adentram ao campo da lógica da feira, bem como o processo que produz a condição daquela realidade e a produtividade de existência no local. Assim, é como se a feira do Guamá estivesse para os seus frequentadores como construção psicológica para os diversos indivíduos que participam daquele processo da interação presente naquele cotidiano. Na complexa rede de ordenação da vida cotidiana psicológica, esse aspecto nutre as pessoas que lá estão. Nessa ideia, podemos entender que a feira do Guamá vai além de uma simples movimentação de venda e adentra para a construção

⁶ (FERNANDA SOUZA, 2021), frequentadora da feira.

de seus frequentadores, assim como eles conjuntamente formam o local. Isso perpassa pela maneira como as pessoas se posicionam naquele cotidiano, como na foto a seguir, onde há um senhor fazendo a manutenção de um banco em certo canto da feira.

Imagem 29. O carpinteiro. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

Isso demonstra o modo como a razão sensível afeta aquele indivíduo, o qual colabora para aquela movimentação, encontrando-se ali por conta da lógica psicológica que a vida cotidiana do local proporciona. A função que ele exerce na interação do local é o artesanato de madeira, que muitos que passam o observam fazendo no meio da calçada, representando uma forma de reconhecimento e de demonstrar o seu trabalho. Durante boa parte da manhã, aquele homem ficou no local para produzir bancos, mesas, entre outros móveis que foram encomendados.

Outro exemplo que observamos é o modo que os fregueses adentram a localidade na condição de reconhecimento, como por qual barraca escolher, qual produto pegar e também o preço de cada mercadoria. Tudo interfere na produtividade psicológica presente entre os frequentadores e relaciona-se ao pertencimento do cotidiano que vigora no processo de

produção da racionalidade sensível no movimento entre aqueles que participam daquela realidade.

A inerência dos motivos psico-históricos e materiais caracteriza-se com intrínseca ao fenômeno da compreensão considerado em sua totalidade. O desenvolvimento, psicologicamente real, de uma cadeia articulada e constituída de elementos consolidados em sua sequência temporal a nós se torna compreensível unicamente por força da relação objetiva e transvital de seus conteúdos. Sem constatar a existência da ascensão e decadência que nela se manifesta e sem saber que os conteúdos, objetivamente e como tais, estabelece, entre si, uma referência recíproca, bem como sem saber ainda que, independente de sua realização no tempo, cada um deles fundamenta ou determina o outro, também não é possível compreendê-los como sequência psíquica temporalmente real. Por outro lado, como desenvolvimento ordenado, esta determinação ideal entre os mesmos se estabelece, é possível nada medida em que um movimento psíquico contínuo os atravessa. A evolução objetiva dos conteúdos exige que o *a priori* da comunicação de sua forma resida na continuidade evolutiva do consciente. Esta continuidade indefinível se manifesta como sensação específica e tão-somente ela consegue quebrar o hermetismo absoluto dos conteúdos isolados e o introduz na continuidade que outra coisa não é se não o próprio desenvolvimento. (SIMMEL, 1983, p.87).

Por conta dessa condição de racionalidade e sensibilidade, nós temos fatores psico-históricos, eles são o conhecimento das pessoas anteriores aquele processo da feira e que adentram à forma e ao conteúdo que a localidade apresenta, figurando como base de interações anteriores que reverberam no presente daquele cotidiano – como exemplos, a linguagem usada para a venda, a colocação da bandeira vermelha sinalizando o açaí, o processo de corte do peixe e a informação para tratamento daquele produto, bem como o entendimento de determinados remédios, como a andiroba, o boldo e a erva-doce, que servem para tratamento de baque e dor de barriga. Isso envolve um processo anterior da racionalidade sensível presente ali e serve para a produção de interação entre os frequentadores.

Dentro dessa ideia, temos a sequência temporal que promove referência recíproca para a produtividade daquele cotidiano, onde os indivíduos de modo natural expressam o resultado de suas experiências no contato com aquela sensibilidade racional. Tal ideia adentra a essa continuidade evolutiva do consciente como modo de manutenção do que a feira proporciona aos frequentadores dentro de suas lógicas de realidade. Esse aspecto atua como fonte geradora daquela realidade como base para a produção daquela razão sensível presente no cotidiano, o que aparece nas interações que permeiam os relacionamentos entre os frequentadores. Nós podemos notar esse aspecto na variedade de produtos que são vendidos, como é observado na imagem a seguir, onde a barraca vende condimentos como cominho, além de cebola, limão, cheiro-verde, entre outros.

Imagem 30. Barraca de condimentos. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

A imagem permite-nos perceber que os produtos são parte da manutenção daquele cotidiano, como processo que representa a razão sensível que é encontrada na feira. Conforme as mercadorias adentram à condução de sentido para com os frequentadores que ali interagem conjuntamente, participam da articulação vital mecânica que o local proporciona para as pessoas ali presentes, na realidade da interação existente.

A razão sensível nasce nesse processo interacional entre as pessoas que frequentam a localidade, como expressividade que atua para a condução significativa de seus pares. Essa ideia atua como representatividade, a qual é encontrada no local e serve para a manutenção da condução cotidiana, bem como das aparências que estão naquele movimento.

Esse aspecto racional da sensibilidade também atua na condução das pessoas, as quais a utilizam para compor a realidade naquele cotidiano. Isso opera como fonte de articulação que permite estruturar a localidade dentro daquela realidade que reverbera toda e qualquer condição do indivíduo que entra em contato com aquele ambiente.

Trata-se, portanto, de um processo permanente que atua para a manutenção da lógica do cotidiano e para a condução mental das pessoas como aspecto de afetação e significado que a feira do Guamá proporciona. Isto é, serve como base de afetação para toda e qualquer pessoa na relação existente naquele cotidiano.

Então, a racionalidade sensível é encontrada na linguagem dos frequentadores, na maneira como eles movimentam a feira, no modo como os produtos adentram aquele cotidiano – tudo na lógica psicológica da vida cotidiana que o local proporciona. É uma rede de racionalidades e sensibilidades que afeta toda e qualquer pessoa que interage com aquele cotidiano. Assim, pensar sobre a razão sensível é entender de que modo os sentimentos e emoções aderem ao condicionamento de determinada realidade, como foi observado na feira do Guamá no processo de interação presente em seu cotidiano. É a construção de movimento entre os frequentadores, e também propõe a condição do território na produção espacial temporal na feira.

Esse território é processo significativo que adere ao cotidiano para produzir aquele espaço e tempo como lógica existencial daquela realidade. Assim, como veremos a seguir, relaciona-se ao condicionamento existencial que atua para a produção daquela realidade dentro de seu contexto existencial humano comunicativo.

5. O território à produção espacial temporal da feira

5.1 A formação territorial

A formação territorial na feira nasce no movimento que é presente entre os frequentadores na dimensão sensível daquele cotidiano, sendo o resultado da interação que ocorre no processo de construção entre os sujeitos que estão naquela realidade. O território é a construção daquele grupo como processo de estruturação significativa do movimento existente entre as pessoas que participam da feira.

O território, enquanto relação de apropriação e/ou domínio da sociedade sobre o seu espaço, não está relacionado apenas à fixidez e à estabilidade (como uma área de fronteiras bem definidas), mas incorpora como um de seus constituintes fundamentais o movimento, as diferentes formas de mobilidade, ou seja, não é apenas um “território-zona”, mas também um “território-rede”. A título de muito breve introdução numa temática de grande complexidade e que não permite simplificações, poderíamos apontar como processos fundamentais a construir o espaço-tempo. (HAESBAERT, 2006, 117-118).

O território como mobilidade significa a condução daquele cotidiano que é desenvolvido por conta da interação entre pessoas, como no relacionamento entre frequentadores que atuam no processo daquela realidade. O “território-rede” que o autor pontua nada mais é que os diversos territórios que estão ligados e são conjuntamente participantes para a formação da vida grupal. Na feira do Guamá, nós temos como exemplo, os tipos de produtos vendidos, a localidade rodeada de feirantes que ficam em carros de mão do lado de fora, nas ruas, e o entorno, onde se vendem mercadorias como móveis e materiais de construção.

O “território-rede” promove os tipos de influência expressados na feira, como se a localidade fosse polo primário para os múltiplos fluxos e conexões que surgem por conta dos frequentadores. Nisso, observamos uma diversidade que vai desde uma senhora de 60 anos que vende erva, ou um homem de 40 anos que vende acerola, até um jovem de 18 anos que vai até lá para fazer a compra de alguma mercadoria e interage com outros indivíduos que se apresentam naquele processo da feira.

Apesar de aparecer implícita, em todos esses momentos está presente a idéia de um espaço dinâmico, em rede, e que nunca será simplesmente “reordenado”, pois convive o tempo inteiro com a “desordem” que, como fonte da transformação, não pode ser vista apenas de forma negativa. Desse modo, antes de preocuparmo-nos em definir seus limites em termos de área dotada de certa homogeneidade, devemos considerar os múltiplos fluxos e conexões que o atravessam e que fazem dele, antes que uma área relativamente homogênea, a combinação específica de um conjunto de redes, entrecruzando de forma própria essas múltiplas propriedades. (HAESBAERT, 2006, p.122).

A formação territorial da feira do Guamá pertence a esse movimento de “reordenado” na perspectiva que todos os dias cada frequentador vai até o local para proceder com a movimentação e assim adentra em diversos processos de ligação e composição da “desordem”. Essa ideia é formada no entendimento da variedade de interações que a feira proporciona às pessoas que estão naquele cotidiano, o que ocasiona a combinação específica da localidade com as múltiplas propriedades que promovem o território como fonte de movimentação na articulação de diversos sujeitos e mentalidades. Esse processo pode ser visualizado na fotografia abaixo.

Imagem 31.Polaridade da feira. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

Na imagem observamos pessoas chegando e saindo do local, e o interessante é a quantidade de carros estacionados e circulando ao redor. A maioria dos feirantes não possui carro, a maioria desses veículos pertencem aos compradores que passam pela avenida e estacionam ali – e pela marca e modelo dos automóveis, são observados indivíduos de diversas colocações sociais. É importante notar as casas, umas melhores e outras piores, o que representa o bairro e os diversos territórios entre os moradores que estão próximos ao local e são participantes da feira. Segundo Simmel (2013), no envolvimento do grupo social e no processo de construção de sentido da realidade:

um grupo social preenche em algum sentido, como uma unidade que tanto quanto exprime e sustenta a unidade desse grupo é por ela sustentado. A moldura, limite definido de uma formação por retroceder sobre si mesma, possui para o grupo social um significado muito semelhante àquele que tem para uma obra de arte. Nesta, a moldura exerce as duas funções que, na verdade, apenas são dois lados de uma só: isolar a obra de arte do mundo circundante e encerrá-la em si mesma. A moldura anuncia que em seu interior se encontra um mundo sujeito apenas às suas próprias normas, não envolvido nas determinações e movimentos do mundo circundante. Ao simbolizar a unidade autossuficiente da obra de arte, a moldura reforça simultaneamente por si própria a realidade e a impressão dessa mesma unidade. Assim, pelo fato de seu espaço existencial estar cercado por limites nitidamente conscientes, uma sociedade se caracteriza como internamente coesa. (SIMMEL, 2013 p.79).

O que sustenta a unidade da feira com os vários frequentadores de diferentes localidades é a moldura (SIMMEL, 2013), a qual é a lógica de sentido expresso entre as pessoas

que lá estão e afeta a quem compra na localidade. Esse processo acaba por ocasionar os limites nitidamente conscientes, que são a maneira que as pessoas se articulam para compor aquela realidade e propor a manutenção do território pertencente à feira.

Os indivíduos que frequentam o local são de diferentes partes da cidade, como se observa em alguns que compram produtos por conta de passarem pela proximidade da feira de carro e aproveitarem para obter mercadoria, assim como os moradores que residem no bairro do Guamá e também pessoas que são de outros bairros e que vão até lá por conta de alguns produtos serem mais barato. Na fala do frequentador a seguir é possível observar até mesmo indivíduos de outros estados que vão até a feira para efetivar a compra.

Tem freguês que é fixo aqui com a gente, ele vem primeiro aqui comigo com irmão ae se ele não tiver vai procurar outra pessoa, mas sempre vieram aqui. Eu tenho freguês que vem do Rio de Janeiro pra cá comprar copaíba ele sempre vem aqui comigo, ele sempre vem em véspera de círio, ano passado ele não veio, porque não teve o círio.⁷

A lógica fixa do freguês é parte da produção territorial e resultado de outras relações anteriores da feira – essa ideia proporciona a condução de envolvimento entre aquelas pessoas. Na questão de o indivíduo de outra cidade ir até o feirante para a obtenção do produto, esse aspecto é construído na produção territorial entre o feirante e o freguês. É como se a construção de relacionamento entre eles ocorresse no resultado de influência entre os frequentadores que participam da feira. Esse processo é entendido nas placas de venda, conforme o exemplo das comidas a seguir.

Imagem 32. Venda de produtos para alimentação. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

⁷ (FERNANDA SOUZA, 2021), frequentadora da feira.

Imagem 33. Venda de peixe frito. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

Na primeira imagem temos na placa a polpa de frutas, camarão rosa, massa de caranguejo, isca de bacalhau e mexilhão. Essa foto foi tirada em frente à área de refeição posicionada para a área exterior à feira, e é de uma barraca que vende variedades de produtos – além dessas mercadorias, também é vendido lá o turu (*Teredo sp.*), molusco bivalve da família dos teredinídeos, uma espécie de minhoca encontrada nos manguezais do litoral do Pará, e temperos como cheiro-verde e limão. Aqui, é possível observar o envolvimento dos produtos na condução da interação entre os frequentadores, pois propõem influência para aqueles que veem a placa.

Na segunda imagem, temos escrito “Carol peixes – peixe frito na hora”, onde a moça vende o produto em cima de uma carroça e ali mesmo faz o processo de fritura em uma panela com óleo e fogo a lenha. Depois do produto pronto, ela entrega ao cliente em uma sacola de papel marrom, tamanho suficiente para colocar o peixe. Importante de entender nesse procedimento é a produtividade da interação na formação territorial como processo que caracteriza a condução daquela realidade: a territorialidade aparece na placa, no cuidado do produto, na ambientação da feira e na relação coletiva dos frequentadores.

A formação territorial nasce na produção interacional que ocorre naquele cotidiano, na relação habitual que é desenvolvida naquela realidade por conta dos frequentadores que participam da feira – um processo que é construído na produtividade das movimentações que exerce influência sobre as pessoas.

Nessa perspectiva, nós podemos observar o território como mobilidade, como se a territorialidade fosse uma rede de articulação para aqueles que adentram a tal realidade. O território é presente nas diversas pessoas que entram em contato com a feira, mas também nas placas de produtos e nas mercadorias – tudo envolve a territorialidade.

Como se os esquemas de influência entre os frequentadores estivessem para a condução daquelas pessoas, conforme a estruturação existencial daquele cotidiano. Nós podemos entender nessa ideia os múltiplos fluxos e conexões que são produtos da diversidade encontrada na feira por conta de diferentes frequentadores do local.

É então que surge o “reordenado” e a “desordem” territorial – o primeiro possui como característica a manutenção de construção da territorialidade ao envolvimento entre as pessoas, e a segunda surge na relação entre diversos sujeitos participantes do cotidiano da feira, caracterizando o efeito do território na estruturação da unidade no movimento interacional entre os frequentadores. Nesse contexto entendemos a moldura que ocorre na localidade, ou seja, o limite de consciência que envolve aquelas pessoas. Percebe-se aqui que o território não é algo apenas material, mas algo que promove o sentido para as pessoas da feira. Ele afeta a lógica daquele cotidiano com relação aos frequentadores, como um processo que aparece na condução da realidade que aquelas pessoas proporcionam.

Esse processo faz aparecer o território comunicacional como construção mental do indivíduo que interage com aquele local, para então propor a influência com aquela realidade. Essa ideia nos faz pensar o território na movimentação psicológica como articulação dentro daquele cotidiano, no qual a feira produz pertencimento entre os indivíduos que lá estão e a produção comunicativa daquela realidade.

5.2 O território comunicacional

O território comunicacional possui a sua base na formação territorial, sendo que o primeiro pertence ao processo de construção da realidade do indivíduo e o segundo é encontrado no exterior, nas influências de construções às quais as pessoas participam. O motivo para adentrar ao território comunicacional é que ele nos dá entendimento da produção espacial e temporal que surge na interação entre os frequentadores da feira. Então, atentamos para a lógica do sentido como aspecto que envolve aqueles indivíduos e produz o território comunicativo.

Essa lógica do sentido da relação e da afetação é que nós observamos a interação da arte no cotidiano, como processo que permeia acontecimentos e fatores significativos. A organização da realidade que é conduzida pela lógica do sentido possui interesses do indivíduo, como interação e produtividade do mundo que circunda a pessoa, a qual expressa significado da realidade. (XAVIER, 2021, p. 237).

A produtividade do mundo que circunda a pessoa é o que caracteriza o território comunicacional, a expressão significativa do sujeito, o que compõe de influências para a produção de realidade. Como se fosse a “lógica do sentido que evidencia a produtividade da realidade. Isso adentra o acontecimento que pulsa o movimento entre pessoas e seus efeitos na condução do cotidiano.” (XAVIER, 2021, p. 237). Temos como exemplo a imagem a seguir.

Imagem 34. Corredor da feira. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

Na imagem, é possível ver a placa em cima informando “hortifruti”, como também ao fundo várias pessoas e a senhora de azul comprando com uma vendedora de camisa verde. Aqui, é possível entender o território comunicacional como articulação dos indivíduos na compra dos produtos. Na parte onde se encontram as duas senhoras, temos a venda de legumes, e mais à frente ocorre a venda de fruta. Esse processo de movimento entre os frequentadores permite acontecimentos que refletem os territórios comunicativos como efeitos do cotidiano da feira. Na imagem a seguir nós podemos visualizar mais um exemplo desse território comunicativo.

Imagem 35. A calçada no entorno da localidade. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

Nesse caso, é possível visualizar o ônibus, os carros e as pessoas na calçada com as diferentes lojas no entorno da localidade. Esse cenário constrói o território comunicativo para a condução daquele cotidiano. As pessoas adentram nele e são afetadas pelo conjunto de construções formadas pelas interações presentes na união com o tempo e espaço da feira. Os exemplos são as pessoas, a loja que todos os dias coloca um manequim com uma roupa diferente, o tipo de roupa dos frequentadores, a linguagem, as estruturas do mercado, a estrutura da rua, a forma como as lojas vendem, dentre outros.

Nós percebemos que o território comunicativo afeta as pessoas, de forma que “constitui-se na interação à arte generalizada do cotidiano entre pessoas e na produtividade das relações, na composição social e de estruturação real” (XAVIER, 2021, p. 238). Isso evidencia a lógica da feira e molda o conhecimento para aqueles indivíduos como resultado do vivido e concreto que ocorre na afetação das pessoas no envolvimento daquela realidade.

Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional "poder político". Ele diz respeito tanto ao poder no sentido Território e Multiterritorialidade: Um Debate mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação. Lefebvre distingue apropriação de dominação ("possessão", "propriedade"), o primeiro sendo um processo muito mais simbólico, carregado das marcas do "vivido", do valor de uso, o segundo mais concreto, funcional e vinculado ao valor de troca. (HASBAERT, 2007, p. 20-21).

Assim se observa o poder, conforme processo de conhecimento das pessoas que participam da feira. Como se o território comunicativo ocasionasse a moldura do sujeito para a construção cotidiana ao ser afetado pela feira, e isso se evidencia na condução da multiterritorialidade que cada pessoa interage dentro da localidade. Então nós temos como resultado a "possessão" e "propriedade" que o autor coloca, tudo desenvolvido na interação na condição do movimento que o cotidiano ocasiona. Temos como exemplo a fala do frequentador que destaca o processo de percepção da localidade como esquema de venda.

A feira é bem movimentada, porém ela é um pouco desprezada pelo poder público. Se você for olhar ao redor, você percebe isso. Ao começar pelo banheiro, começar pelas vias que estão sujas né, ao começar pela parte externa também né. A venda é pouco a pouco, as pessoas passam se você tem mercadoria boa o povo para e compra, e você vai criando a sua clientela e com o tempo você vai criando a sua clientela, porque vai depender muito de como você trata o seu cliente e da mercadoria que você tem para que você tenha retorno.⁸

Importante pontuar, a pessoa coloca que a feira tem boa movimentação, mas que o poder público deixa a desejar no cuidado do local. Esse processo proporciona o aspecto de importância por conta do relacionamento do frequentador com a realidade da feira, como na construção de clientela, o produto, o tratamento e a relação entre aquelas pessoas. Nota-se aqui o território comunicativo como moderador das interações na localidade, como fonte de poder para com processo de troca pertencente àquele movimento da feira. Podemos ver isso na continuação da fala que coloca que a carteira assinada possui benefícios, mas que possui dinâmicas que o mesmo não conseguiria, como a questão do horário e a renda, visto que a feira do Guamá proporciona algo mais flexível e com possibilidade de maior renda mensal.

Eu trabalhava de carteira assinada, eu passei um bom tempo trabalhando de carteira assinada, mas carteira assinada é aquele negócio, você fica preso a certo horário e você não tem como expandir a sua renda financeira né, então comecei a trabalhar aqui antes da pandemia, no início da pandemia nós não sentimos muito não.⁹

⁸ (MÁRIO AZEVEDO, 2021), frequentador da feira.

⁹ Idem.

Importante colocar que a pandemia refletiu nas vendas da localidade: muitos frequentadores deixaram de ir à feira por conta do medo da doença, como alguns até morreram por conta do coronavírus. Por serem de baixa renda, muitos ali receberam algum tipo de auxílio governamental para sobreviver, mas com os meses os auxílios foram terminando e muitos começaram a ter problemas. No entanto, com o decorrer do ano, as coisas foram se normalizando e muitos, mesmo com dificuldades, vão voltando ao cotidiano da feira. Na imagem a seguir é possível ver o movimento do local – em algumas pesquisas de campo foi visualizada uma feira deserta e quase sem ninguém, tanto por parte dos compradores, quanto dos feirantes, por conta do medo da doença. Houve situações em que a feira foi interditada para ter um horário de funcionamento reduzido, como também no mercado principal houve um princípio de incêndio no final de 2020.

Imagem 36. Deslocamento dos frequentadores. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

A imagem revela a volta das pessoas ao local, assim como a volta da movimentação da lógica interacional que aquele cotidiano proporciona aos diversos indivíduos que ali estão e adentram àquela realidade. A feira se situa dentro da condição daquelas pessoas, como processo de integração dos movimentos entre os frequentadores.

O território comunicacional nasce por conta da formação territorial e produz influências no cotidiano dos indivíduos que participam da feira, numa lógica de sentido que permeia todos que interagem com a localidade. É uma força que nutre a condução daquela realidade e proporciona o envolvimento do conhecimento para aqueles que estão presentes.

Então, podemos visualizar a ideia do território comunicativo nas estruturas que pertencem ao local, como também no envolvimento cotidiano que é apresentado aos frequentadores. Isso engloba o entorno e as casas, as roupas das pessoas e a condução de como aquela realidade é vivida e produzida – uma espécie de dimensão real que afeta todos que ali frequentam a localidade da feira e é um movimento contínuo que só vai sendo descontinuado quando o local vai se esvaziando.

Isso também pode ser observado na fala da frequentadora, a qual possibilita entender a alienação como condução de certa existência que o local possui; como exemplo disso, o desprezo do poder público, o modo como é cuidada a localidade e a produção da clientela como parte de obtenção de influência territorial. Essa influência permeia as movimentações que são parte daquele cotidiano como processo daquela realidade e que acabam por produzir o tempo e espaço da feira.

A perspectiva temporal e espacial é produzida na articulação entre as pessoas que pertencem àquela realidade e surge por conta do território comunicativo. O tempo e o espaço são agregados de informação na condição latente que ocorre na produtividade dos indivíduos daquele cotidiano, no qual esse processo a cada dia nasce e renasce como movimento interacional que serve para a manutenção do que a feira do Guamá é em sua produtividade permanente de ser aquele local.

5.3 A produção espacial temporal

A produção espacial temporal surge por conta do território comunicativo como processo de produtividade psicológica que nasce nos indivíduos que interagem com o local da feira. Também se manifesta como ordenamento do pensar na relação entre o sujeito e a produtividade da existência que povoa a movimentação dentro daquela realidade. Pensar não é nem um fio estendido entre um sujeito e um objeto, nem uma revolução de um em torno do outro. Pensar se faz antes na relação entre o território e a terra” (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 111).

Esse território e a terra fica evidente na construção do sentido, onde “A terra encontra-se na disposição do sentido e condiciona pessoas no sentir em comum na relação de sensações, também na produtividade da interação entre sujeitos.” (XAVIER, 2021, p. 238). Então, isso nos faz entender a produção espacial e temporal.

Uma das aberrações mais comuns do impulso causal humano consiste em assumir condições formais, sem as quais certos acontecimentos não podem ocorrer, como causas positivas, produtivas desses mesmos acontecimentos. O exemplo típico é o poder do tempo – uma figura idiomática que inúmeras vezes nos engana, levando-nos a não buscar as reais causas do abrandamento ou arrefecimento das concepções, de processos anímicos de cura ou de hábitos cristalizados. Em vários casos, não será diferente com o significado do espaço. Se uma teoria estética proclama que a função essencial das artes plásticas é fazer-nos sentir o espaço, ela não atenta para o fato de que o nosso interesse se centra exclusivamente nas figurações especiais das coisas, e não no espaço ou na espacialidade em geral, que apenas constituem a *conditio sine qua non* de tais figurações, sem contudo perfazerem a essência particular dessas mesmas coisas ou serem seu fator gerador. Se uma interpretação da história destaca o fator do espaço de maneira a compreender a grandeza ou pequenez dos impérios, a condensação ou dispersão das populações, a mobilidade ou estabilidade das massas etc. Como forças de toda a vida histórica como que irradiantes do espaço, então também aqui o necessário envolvimento espacial de todas essas constelações corre o risco de ser confundido com as suas causas positivamente efetivas. Evidentemente, impérios não podem possuir qualquer perímetro, seres humanos não podem estar próximos ou distantes uns dos outros sem que o espaço ofereça sua forma para tal, do mesmo modo como os processos atribuídos ao poder do tempo não podem transcorrer fora do tempo. (SIMMEL, 2013, p.75)

A ideia de espaço nasce na condição relacional dentro do tempo de vida que as pessoas possuem no movimento cotidiano dentro da realidade. Assim, o espaço e o tempo são produzidos a partir da interação que ocorre entre indivíduos, onde se articula o movimento do sujeito e a sua ordem psicológica de realidade. A produção do espaço e tempo na feira do Guamá, portanto, é produzida na intersubjetividade (SCHUTZ, 2012), no envolvimento entre os frequentadores no estoque de experiências que o local proporciona.

A esse estoque de experiências “à mão” pertence o conhecimento de que o mundo em que vivemos é um mundo de objetos bem delimitados, com qualidades definidas, objetos entre os quais podemos agir. Para a “atitude natural”, o mundo não é, nem nunca foi, um aglomerado de pontos coloridos, barulhos inconscientes, regiões de frio e calor. A análise filosófica ou psicológica da constituição de nossas experiências pode, mais tarde, em retrospectiva, descrever de que modo elementos desse mundo afetam os nossos sentidos, de que modo os percebemos passiva, instintiva e confusamente, de que modo, através da percepção ativa, nossa mente isola certos traços do campo de percepção, concebendo-os como coisas bem delineadas nitidamente em realce (SCHUTZ, 2012, p. 72).

Esses estoques de experiências “à mão” estão alinhados de acordo com a produção espacial temporal que aquele movimento da feira proporciona. Como se isso fosse uma lógica que é produzida entre as pessoas daquele cotidiano, conforme o grau de afetação entre os frequentadores e modos de interação. Como exemplo, temos as placas como a da farmácia, a barraca com a sombrinha amarela e a localização conjunta dos indivíduos presentes.

Imagem 37. Rua ao lado mercado principal. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

A imagem nos possibilita ver os diversos tipos de estruturas que o cotidiano do local possui, como referências para aquelas espacialidades e temporalidades que ocorrem no movimento entre os frequentadores. Nós podemos observar na fala a seguir essas estruturas e de que modo a produção espacial e temporal se articula na localidade.

Hoje em dia a convivência é difícil, em todo canto tá, tem que saber lidar com as pessoas. Hoje em dia tá difícil a convivência em um nível de stresse tá demais. Eu tenho fregueses de muitos anos. Tudo que eu tenho é de feira a minha casa as minhas coisas é de feira, hoje em dia tá tudo caro.¹⁰

¹⁰ (CATALINA COSTA, 2021), frequentadora da feira.

A partir do que foi colocado pela senhora, é perceptível a mudança da movimentação de sentido e outro modo de espacialidade e temporalidade, com isso, temos a convivência como a maneira dela se relacionar com os fregueses. Ainda, é importante observar a ideia da feira como produtora da composição da sua vida diária. Nas fotografias a seguir, nota-se o movimento ao tempo da espacialidade na feira.

Imagem 38.A venda de frango e carne no mercado principal. 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

Imagem 39. Em frete ao mercado principal . 2021.



Fonte: Pesquisa de campo.

Nas imagens, observa-se o movimento das pessoas como condução daquela espacialidade e temporalidade, como é percebido nos produtos e na maneira que as barracas estão dispostas no envolvimento entre os frequentadores. A base do cotidiano da feira pertence à interação dos frequentadores, e assim temos os movimentos que são conduzidos por processos espaciais e temporais pertencentes àquele ambiente. Na fala a seguir, é perceptível o contato com o movimento da feira.

Olha a feira eu acho que é um trabalho, uma comunidade aqui, um trabalho coletivo aqui. Várias pessoas deixaram seus estudo seus empregos pra vim buscar uma maneira de sobreviver aqui assim, tipo assim, é se eu vendo banana vendo fruta, eu não vou precisar comprar do outro, eu tenho o que levar para a minha casa para o meu sustento. Então é um meio assim, mais fácil pra você alimentar a sua família, trabalhando aqui, porque se você trabalha com um salário fixo, mas ae, daquele salário você paga aluguel, paga não sei o que, não sei o que, as dispesas tudinho, as vezes tem uma certa dificuldade de alimentar bem a sua família.¹¹

¹¹ (FERNANDA SOUZA, 2021), frequentadora da feira.

A senhora coloca que a feira seria uma comunidade, um trabalho coletivo, como se o local estivesse para ela como uma família, a sua segunda casa. Dentro dessa ideia, ela relaciona com a questão do emprego e a importância que a localidade tem, articulando dentro de uma ordem econômica que a faz ser envolvida com o local. A construção da espacialidade e temporalidade fica evidente no movimento que o trabalho na feira a relaciona dentro da construção coletiva entre as pessoas que participam daquela realidade, um espaço de venda e relacionamento para com a temporalidade, na construção da amizade e na venda de todos os dias, em que só o local da feira proporciona para a moça e sua vivência cotidiana de interação com os que ali estão presente.

A produção espacial e temporal nasce por conta do ato interacional que proporciona a produção psicológica do indivíduo, onde a espacialidade e a temporalidade envolvem as pessoas para que elas adentrem àquele cotidiano, como um pensar que evidencia a condução de conhecimento das pessoas que participam da feira. Nisso é percebido o território e a terra na perspectiva do sentido como processo que propõe o tempo e o espaço na localidade, resultante do movimento entre os frequentadores que atuam para a manutenção existencial da feira dentro do aspecto intersubjetivo. Assim, isso evidencia os estoques de experiências que surgem por conta da interação entre as pessoas para compor a realidade presente no local. Como foi visualizado nas imagens, nas estruturas e na fala do frequentador, ele propõe a ideia de movimento para com a produção temporal da localidade, como também a feira dentro da produção da vida diária do sujeito.

O espaço e o tempo da feira são presentes em toda forma interacional que aparece na localidade, desde as estruturas (como barracas, farmácia, bares), os produtos, os relacionamentos das pessoas, até a lógica de sentido que pertence àquele ambiente da feira do Guamá. É uma construção que nasce nas movimentações e que permite adentrar em uma dimensão de realidade que a feira produz para com os seres que ali são produtos de uma realidade, de uma sociedade, de uma cultura, de um processo comunicativo da nossa amazônica.

A feira do Guamá não é apenas um local de venda de produtos e troca de dinheiro: o local é a produção humana que nasce nas articulações psicológicas dos frequentadores, proporcionando expandir ou sanar o que é viver em uma realidade. A produção espacial e temporal é a resistência que a cada dia os frequentadores daquela localidade produzem para ter um cotidiano harmônico e importante para si mesmos, como também para todas as pessoas que participam do acontecimento que é o local.

6. Considerações

O nosso trabalho, cujo título é “Da estética da identificação comunicacional à dimensão sensível territorial da feira do Guamá, Belém – PA”, representa movimento que surge na estética e chega até ao território, como processo interacional que é presente entre os frequentadores da feira. O nosso principal objetivo é ter essa visualização dentro do cotidiano do local da feira para que então possamos entender aquele envolvimento entre pessoas na perspectiva daquela realidade.

Por conta disso, a pesquisa possui como base a fenomenologia, a hermenêutica e a intersubjetividade, as quais nos serviram de alicerce para o entendimento dos fenômenos expressos no cotidiano da localidade. Ela adentra ao campo do sentido da hermenêutica, para o entendimento da interação dos frequentadores, enquanto na ideia intersubjetiva, nós atentamos à condução subjetiva daquela movimentação. Esse procedimento permeia a nossa pesquisa e adentra ao campo do texto, ao texto reflexivo na estruturação do sentido, pois é o que possibilita atentar para o envolvimento cotidiano transcendente do que é investigado em nosso estudo.

Atenta-se com essa ideia para a comunicação como aspecto reflexivo ao processo de entendimento base do nosso trabalho, além da construção de sentido ao leitor da pesquisa na leitura de nosso estudo. Aqui, é importante falar na crítica comunicativa dentro da perspectiva kantiana, em que a nossa pesquisa trata a comunicação não como transmissão de informação, mas como processo de reflexão sobre o cotidiano da feira.

Além disso, nós temos como parâmetro a observação daquela realidade na lógica do sujeito em sua construção de mundo – ou seja, nós não descrevemos a feira, mas a partir da movimentação dos frequentadores, o nosso intuito é entender a interação que aqueles possuem com o mundo que os circunda. Tratar disso é entender a comunicação como produtividade cotidiana que fica evidente nas interações que emergem na realidade da localidade, e que é observado dentro da etnografia como experiência comunicativa, como construção de relacionamento com o local.

Com isso, é interessante falar que os frequentadores da feira não são apenas as pessoas que estão lá, ela é formada por mim, pesquisador, e também por você, leitor, em um contato permanente com a condução da estética da identificação e a dimensão sensível territorial que nós formamos sobre a feira. A nossa produção interacional pertence a ela e também fazemos parte daquela realidade, em no nosso processo imagético que utilizamos para ler o texto da

pesquisa aqui colocada. Somos todos frequentadores de lá, pois fazemos parte da vivência que só aquele ambiente nos permite adentrar e participar com aquelas pessoas que habitualmente constroem a feira.

No primeiro capítulo do nosso estudo, nós temos a percepção da estética na feira e atentamos para a ideia da expressividade comunicacional, a dimensão estética da interação e a condução comunicativa cultural amazônica. Neste capítulo, o nosso objetivo foi o de atentar para a estética cotidiana da localidade como processo habitual daqueles frequentadores, a feira como arte generalizada, como um acontecimento que é desenvolvido na relação daquelas pessoas.

A expressividade comunicacional cotidiana da estética nos permite entender que o ato de expressão comunicativa se atenta para o estar-junto dentro da localidade, como processo habitual daquele cotidiano. É algo que surge para a produção de sentido entre os frequentadores que pertencem àquela realidade, numa lógica da composição das estruturas daquele cotidiano.

Já na dimensão estética da interação, propõe-se o ato da interação como o estar-junto na construção da feira dentro do relacionamento existente entre os frequentadores. Essa condição possui como base as expressões que ocorrem entre os diversos indivíduos que estão lá, como emoções e sentimentos que povoam aquela realidade e a movimentação que ocorre todos os dias na localidade.

Com relação à realidade que permeia aquelas pessoas, nós podemos entender a questão da condução comunicativa cultural amazônica como o contexto da feira dentro do processo histórico que as pessoas constroem. Isso atenta para perceber a feira como um resultado das diversas construções entre os frequentadores que participam daquele cotidiano e que formam a condução daqueles indivíduos.

Importante pensar sobre esse capítulo é que os três tópicos buscam o entendimento da estética como formação primária na relação entre aqueles sujeitos. Como uma maneira de atentar para a emoção e sentimento como processo primeiro no contato com aquela realidade, a interação entre frequentadores como base da estética na feira. Isso é o que dá motivo para diversos relacionamentos e envolvimento presentes entre aquelas pessoas. A ordem dos tópicos representa o ato comunicativo que desenvolve a estética de interação, e a partir disso, temos a ordem cultural, social, a perspectiva amazônica a qual aquele local pertence.

A percepção da estética na feira nos dá base para seguir ao próximo capítulo, pois para que pudéssemos entender a identidade, era preciso seguir antes no campo da estética, já que a ideia de identificação que a pesquisa utiliza possui estrutura no movimento “banal” daquele cotidiano. Para atentar melhor para a identificação, é preciso ter base no ato comunicativo como interação que permeia aquela realidade por conta de processo estético existente entre os frequentadores.

Assim, nós terminamos o primeiro capítulo propondo a estética dentro das movimentações que ocorrem entre aquelas pessoas, na condição de envolvimento que aquele cotidiano permeia os sujeitos que ali são encontrados. O primeiro capítulo objetivou o entendimento da comunicação dentro do processo interacional, bem como o entendimento da estética que compõe a realidade da feira como estar-junto um acontecimento.

O segundo capítulo possui a identificação no cotidiano da feira, tendo como ideia o processo de ligação, a identificação comunicacional e a percepção do lugar. Neste capítulo, o nosso objetivo é o de atentar para a identificação como movimento que permeia aquelas pessoas e desencadeia a ligação entre os indivíduos, resultando em identificações comunicativas como processo de construção daquela realidade e o lugar da feira do Guamá.

Nesse contexto, o processo de ligação funciona como a junção da estética formada na localidade, sempre dentro de processos de identificações que os sujeitos são afetados dentro daquela realidade. A ligação é a condução daquele movimento existente no cotidiano da feira, onde ficam perceptíveis as estruturas que ligam as pessoas, como também processos que envolvem aqueles indivíduos daquela localidade.

Já na identificação comunicacional, é feito um panorama dos relacionamentos e a diversidade presente naquele cotidiano como condição de alteridade. A identificação aqui colocada é algo que não é estático, fica em permanente movimento na ligação entre as pessoas da feira, como se estivesse no envolvimento da interação como parte do processo que existe na localidade e como formação daquela realidade que reside no movimento da identificação. Isso desenvolve o lugar da feira como construção de familiaridade que pertence aos diversos relacionamentos que se encontram naquele movimento do local, uma construção que atente para a produtividade daquele cotidiano entre os indivíduos.

Importante pensar sobre o capítulo é que ele faz a passagem da estética para a condução da identificação, assim como ele serve de base para começarmos a entender a sensibilidade como processo da vivência que aquele cotidiano possui. É capítulo importante para chegarmos à ideia da feira como construção do sujeito para o mundo que o cerca, que é a junção da estética da identificação. Deste modo, os dois primeiros capítulos são fundamentais para o entendimento da interação e a produtividade com aquela realidade comunicativa construída entre os frequentadores.

A identificação no cotidiano da feira nos dá base para a virada da observação dentro da movimentação da localidade, o que permite entender as construções de formas de ligação e que proporcionam a sensibilidade como vivência, como conjunto de pessoas que se afetam. Assim, terminamos o segundo capítulo propondo que a identificação do cotidiano da feira evidencia a dinâmica que aquelas pessoas possuem na afetação conjunta estética que aparece no movimento da localidade. Isto é, como um ato de convivência que já nos atenta a perceber a sensibilidade presente no local, preparando para o entendimento da dimensão sensível que ocorre naquele cotidiano como esquema de vivências que estão presentes entre seus frequentadores.

O terceiro capítulo possui como objetivo a dimensão sensível desenvolvida na feira do Guamá. Aqui, temos como ideia a articulação da feira como processo sensível presente na localidade. Por conta disso, utilizamos a percepção do sentimento de vivência, como a sensibilidade comunicacional e a razão sensível dentro da perspectiva da interação. Neste momento, a nossa ideia é ligada à estética da identificação como aspecto de integração, ou seja, a feira como acontecimento que produz a sensibilidade.

O sentimento da vivência compõe-se como processo que nasce da estética da identificação e é desenvolvido na interação entre os frequentadores – como as variadas emoções que estão presentes no relacionamento entre aquelas pessoas. Trata-se, portanto, de uma experiência sensível como resultado daquele estar-junto, como acontecimento, como gostos para a produção daquele cotidiano da feira.

Com isso, temos a sensibilidade comunicacional, que é o ato de projeção desse sentimento de vivência no contato com as coisas da feira, todo o envolvimento que proporciona a construção de movimentação com relação àquele cotidiano proporcionado por conta da interação entre as pessoas presentes. Assim, é também o processo que serve de base para a ideia

da razão sensível, como ordem lógica das coisas da feira. Essa razão sensível fica evidente dentro do processo de realidade que os indivíduos daquele cotidiano produzem, atuando para o envolvimento significativo que as pessoas formam. Isso pertence à representatividade que a localidade evidencia nas aparências, sendo resultantes dos relacionamentos que ocorrem entre os frequentadores. A razão sensível serve à manutenção daquela realidade como aspecto de construção da dimensão de sensibilidade que a localidade proporciona.

Assim, a importância do capítulo reside em nos fazer pensar que o movimento da estética em conjunto com a identificação promove a sensibilidade daquele cotidiano, e isso como processo interacional entre as pessoas que participam da feira e conforme desenvolvimento proporcionado pelo envolvimento de sujeitos que são expressados naquela realidade. Dentro dessa perspectiva, terminamos o capítulo com a ideia de que a sensibilidade desenvolvida na feira pertence à ordem da interação como união de processos de ligações que são parte daquela realidade. Aqui fica evidente a dimensão sensível que é desenvolvida na feira e constituída da integração que se estabelece entre aqueles indivíduos, os quais atuam para as expressividades que são parte dos processos de interação entre os sujeitos daquele cotidiano.

Nesse contexto, nós temos o território e a produção espacial temporal da feira como processo que desencadeia as influências e molduras a que aquele cotidiano pertence. Ou seja, como lógica dos frequentadores que interagem com aquele cotidiano e são afetados por ele. O capítulo possui como perspectiva a formação territorial, o território comunicacional e a produção espacial temporal como sentido produzido por conta daquelas pessoas.

A formação territorial é o movimento que aparece por conta do envolvimento dos frequentadores – nota-se aqui o acontecimento na identificação com a produção de sensibilidade e a construção do sentido. A produção territorial na feira é o conjunto de todas as estruturas de relacionamento que povoam esquemas de influências produzidos dentro daquele cotidiano. Com isso, nós temos o território comunicacional, em que ele proporciona o pertencimento da construção da realidade do indivíduo como processo espacial e temporal na lógica de sentido daquela realidade.

Importante falar da construção psicológica que as pessoas possuem para com a afetação com aquela realidade, assim como a existência que envolve aqueles frequentadores. Esse aspecto forma a produção espacial temporal que constitui na condição de território comunicativo, como condição de produção de conhecimento dentro da ordem psicológica do

indivíduo. Esse processo é presente na interação produzida por pessoas dentro do cotidiano da feira. Assim, o espaço e tempo são construções que nascem no estar-junto como acontecimento do local e são envolvidos pela sensibilidade que cria o território da feira.

Nesse ponto, é relevante notar que o capítulo possui como título “O território e a produção espacial temporal da feira”, e que ele fecha o movimento que se inicia na estética e passa pela identificação e sensibilidade. Entender sobre o território, portanto, é observar os limites da realidade como a produção do mundo do indivíduo para a condição do espaço e tempo dentro do processo intersubjetivo.

Nesse momento é importante ressaltar o território na espacialidade como produto da sensibilidade na estética da identificação, que é produzida na relação entre os frequentadores da feira. Isso nos possibilita entender a maneira das articulações presentes naquela localidade, na movimentação que é presente dentro daquele ambiente.

A nossa investigação parte do movimento que se inicia na estética e finaliza no território, tudo tendo por base a feira e as interações que são presentes naquele local como aspecto comunicativo. Podemos dizer que a pesquisa aqui feita serve de base para entender a comunicação como processo reflexivo, como algo que adentra ao campo da discussão do sujeito e a sua relação com a realidade dentro da produção do cotidiano que o cerca. É interessante lembrar que partimos da ideia do sujeito e a condução de mundo, o mundo e o processo de consciência que é construído a cada momento pela interação.

É isso que significa a estética da identificação e a dimensão sensível territorial, um maquinário para o sujeito em sua construção cotidiana. A feira do Guamá pertence a essa lógica, como também promove a manutenção dessa perspectiva nos milhares de movimentos que aquele local proporciona entre seus frequentadores, em que os indivíduos afetam e são afetados por aquele cotidiano em uma ida à feira, mas acabam por levar aquela realidade para si e para a sua construção de verdade.

Com isso, a feira do Guamá passa de um simples processo de compra, para a produtividade mundana dos indivíduos que estão ali, alimentando aqueles sujeitos ao proporcionar o sentimento de integração e fazendo o movimento para compor a realidade de cada sujeito que é participante daquela realidade. A localidade expressa estruturas que levam as pessoas a compactuar com a cultura, com a sociedade e a existência amazônica que pulsa entre elas pelo processo comunicativo reflexivo.

Entender o movimento da estética da identificação comunicacional à dimensão sensível territorial da feira do Guamá, Belém – PA, é observar a produtividade de um grupo, na produção real que ultrapassa o processo da feira como local de compra e venda. Dessa forma, passamos a observar a localidade como cotidiano de construção mental daquelas pessoas. Tudo tendo por base a interação, a comunicação que habita todos nós dentro da nossa construção de realidade e que pulsa em nossa relação com o mundo que nos cerca cotidianamente.

7. Referência

- AMADOR, V. **Vera Amador**: entrevista [ago.2021]. Entrevistador: Fábio Rodrigo de Moraes Xavier. Gravador de voz.
- ARAÚJO, M. Os sentidos da sensibilidade e sua fruição no fenômeno do educar. **Educação em revista**. Belo Horizonte, V.25 n.2, pp. 199-222.
- AZEVEDO, M. **Mário Azevedo**: entrevista [ago.2021]. Entrevistador: Fábio Rodrigo de Moraes Xavier. Gravador de voz.
- BERDOULAY, V. ENTRIKIN. N. **Lugar e sujeito: perspectivas teóricas**. In: MARANDOLA, J. EDUARDO, H. WERTHER, O. LÍVIA DE (Org.). **Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- CARDOSO, D. VENTURA, R. A evolução urbana de Belém: trajetória de ambiguidades e conflitos socioambientais. **Cad. Metrop.** São Paulo, v.15, n.29, pp. 55-75, 2013.
- CARVALHO, A. PINHEIRO, S. A logística do abastecimento na RMB: o caso CEASA. **Grande Belém: faces de desafios de uma metrópole insular**, 2010. Disponível em: <<http://www.redpgv.coppe.ufrj.br/index.php/es/produccion/articulos-cientificos/2010-1/440-a-logistica-do-abastecimento-na-regiao-metropolitana-de-belem-o-caso-ceasa/file>> Acesso em: 05 de novembro de 2020.
- CASTRO, F. **Temporalidade da comunicação na sua quotidianidade**. In: MUSSE, C. VARGAS, H. NICOLAU, M. (Org.). **Comunicação, mídias e temporalidades**. Salvador, EDUFBA, 2017.
- CASTRO, F. A identidade denegada. Discutindo as representações e a autorrepresentação dos

caboclos da Amazônia. **Revista de antropologia**, São Paulo, v.56 n.2, pp. 431-475, 2013.

CASTRO, F. A identidade encenada: a produção artística de Belém como laboratório e teatro da amazônica. **Contemporânea**, v.10 n2, pp. 137-149, 2012

CASTRO, F. M, CASTRO. No emaranhado do Guamá: trajetos etnográficos numa feira de Belém. **Ponto urbe**, São Paulo, v. 20, pp. 1-12, 2017.

_____. Feira, forma, dom Assimetrias da sociação numa feira de Belém. **Cuadernos de Antropología Social**, v.44, pp. 101,113, 2016.

CASTRO, F. XAVIER, F. CASTRO, M. A dimensão estética na feira do Guamá, Belém – PA. **Revista Vis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Arte**, Brasília, v. 16, n. 2, pp. 362-371. 2017.

CASTRO, M. **A arte na sua cotidianidade: Uma percepção de arte na feira do Guamá.** Repositório da Universidade Federal do Pará. 152f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Belém, Programa de Pós-Graduação em Artes, 2013.

_____. **Socialidades e sensibilidades no cotidiano da Feira do Guamá: uma etnografia das formas sociais do gosto.** Sistema de biblioteca da Universidade Federal do Pará. 281 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2018.

CARLOS, A. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: Labur Edições, 2007.

COSTA, C. **Vera Amador:** entrevista [ago.2021]. Entrevistador: Fábio Rodrigo de Moraes Xavier. Gravador de voz.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: EDUSC, 1999.

CRUZ, M. **Mauricio Cruz:** entrevista [Jul.2021]. Entrevistador: Fábio Rodrigo de Moraes Xavier. Gravador de voz.

DARDEL, E. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica.** São Paulo: Perspectiva, 2011.

DARTORA, V. Vivências e valores no cotidiano de uma comunidade rural do sudeste goiano:

a transdisciplinaridade como caminho de paz. **Caminhos da geografia**. Urbelândia, V.11, n. 35, pp. 275-283, 2010.

DITTRICH, M. Hermenêutica fenomenológica: um método de compreensão das vivências com pessoas. **Discursos fotográficos**, Londrina, v.11, n.18, pp. 97-117, 2015.

FAVRET-SAADA, J. “Ser afetado”. **Cadernos de Campo**, n.3 v.3, pp. 155-161, 2005.

FILHO, M. **Elementos para a Construção de uma Comunicologia: de como melhor compreender a comunicação considerando-a como um evento estético**. In: BENJAMIM, P (Org). **Escritos sobre comunicação e experiência estética**. Belo Horizonte, MG: PPGCOM/UFMG, 2019.

FERNANDES, C. Entre a razão instrumental e a razão sensível: o conceito de potencialidade estético-comunicativa como proposta teórico-compreensiva das sociabilidades contemporâneas. **Caderno de pesquisa**. Disponível em: <https://www.univali.br/pos/mestrado/mestrado-em-gestao-de-politicas-publicas/cadernos-de-pesquisa/Documents/caderno-pesquisa-14-2.pdf> > Acesso em: 5, fevereiro de 2021.

FRANÇA, V. **O objeto e a pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional**. In: MOURA, C. LOPES, M. (Org.). **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. 1ed.Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 1, pp. 153-174, 2016.

_____. **Interações comunicativas: a matriz conceitual de G.H. Mead**. In: PRIMO, A. OLIVEIRA, A. NASCIMENTO, G. RONSINI, V (Org). **Comunicação e interações**. Livro da Compós, 2008.

FRIDMAN, L. **Vertigens pós-modernas: configurações institucionais contemporâneas**. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 2000.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.

GUSMÃO, N. Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro. **Cadernos de pesquisa**, n 107, pp. 41-78, 1999.

GOLDMAN, M. Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica. **Etnográfica**, v10 n.2, p. 161-173, 2006.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. **Identidade e diferença**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. KANT, I. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Nova cultura, 1999.

LOBATO, F. CAÑETE, V. Farinha de feira: memórias e identidades de vendedores em feiras do Bairro do Guamá, Belém (PA). **Revista Iuminuras**, Porto Alegre, v. 16, n. 37, pp. 242, 2015

LARAIA, R. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2001.

LEITÃO, M. VER-O-PESO: um mercado de coisas boas e belas. **IV colóquio internacional sobre comércio e cidade: uma relação de origem**. Urbelândia, 2013. Disponível em: http://www.labcom.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/05/4_cincci/019-wilma.pdf
Acesso em 10 de novembro de 2020.

MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MAGNANI, J. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, pp. 129-156, 2009.

MARTINO, S. Aproximações entre Estética e Comunicação: aberturas possíveis e diálogos entre os conceitos. **Intexto**. Porto Alegre, UFRGS, n. 36, pp. 14-29, 2016.

MARTINS, P. A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, Simbolismo e associação. **Revista crítica de ciências sociais**. V.73,pp. 45-66, dezembro de 2005.

MALDONATO, M. Arquipélago identidade O declínio do sujeito autocêntrico e o nascimento do eu múltiplo. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, v. 8 n3, pp. 480-496, 2005.

_____. **A subversão do ser. Identidade, mundo, tempo, espaço: fenomenologia de uma mutação**, São Paulo: Sesc, 2014.

MOURA, J. **Juliana Moura**: entrevista [jul.2021]. Entrevistador: Fábio Rodrigo de Moraes Xavier. Gravador de voz.

MORAES, L. **Laura Moraes**: entrevista [jul. 2021]. Entrevistador: Fábio Rodrigo de Moraes Xavier. Gravador de voz.

- HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgrafia**. Rio de Janeiro. Ano 9, n 17, 2007.
- _____. Ordenamento territorial. **Boletim goiano de Geografia**. V.26, n 1, pp. 117-124. 2006.
- NUNES, B. **A filosofia contemporânea**. São Paulo: Buruti, 1967.
- PEIRANO, M. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, pp. 377-391, 2014.
- REINHARDT, B. A dádiva da teoria: epistemologia e reciprocidade no circuito do “dado” antropológico. **Campos**. V.7 n.1, pp.135-157, 2006.
- SANTIN, S. Educação e sensibilidade. **Labomidia**, 1997, Disponível em: https://labomidia.ufsc.br/Santin/Filosofia/Educa%C3%A7ao_e_Sensibilidade.pdf. Acesso em: 10, janeiro de 2021.
- SCHUTZ, A. **Sobre a fenomenologia e relações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- SIMMEL, G. **O problema da sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- _____. Sociologia do espaço. **Estudos avançados**, v. 27 n.79, 2013
- SILVA, J. **João da Silva**: entrevista [jul.2021]. Entrevistador: Fábio Rodrigo de Moraes Xavier. Gravador de voz.
- SOUZA, F. **Fernanda Souza**: entrevista [ago.2021].Entrevistador: Fábio Rodrigo de Moraes Xavier. Gravador de voz.
- TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.
- XAVIER, F. A estética da identificação comunicacional a dimensão sensível territorial na feira do Guamá, Belém -PA. **Resgate - Rev. Interdiscip. Cult**, Campinas, v. 27, n. 1. pp. 211- 227, 2019.
- XAVIER, F. A reflexão comunicacional da fenomenologia e hermenêutica à intersubjetividade. **ECOS - Estudos Contemporâneos da Subjetividade**. Goytacazes, V.9 n.1, pp. 53-63, 2019.

XAVIER, F. A arte no cotidiano da interação à dimensão estética territorial. **Linha mestra**. São Paulo, n 44, pp. 235-243, 2021.